ANO 14.º LISBOA — SEXTA-FEIRA, 22 DE FEVEREIRO DE 1935 N.º 4405

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

NOTICIARAM os jornais que, pela pasta das Obras Publicas, foi nomeada uma comissão que estudará uma melhor instalação da Biblioteca Nacional no edificio onde agora se encontra, desde que saiam dali, como tambem se projecta, a Escola de Belas Artes e o Museu de Arte Contemporanea.

Admite-se tambem a hipotese de ser construido, para a Biblioteca Nacional, um edificio novo.

Cabe aqui lembrar que a Biblioteca Nacional, antiga Biblioteca Publica, encontra-se instalada no antigo convento de S. Francisco desde 1836, devoluto nessa epoca pela extinção das ordens religiosas. Antes estivera a Biblioteca num palacio no Terreiro do Paço, do lado ocidental, e que ardeu naquele ano.

A Real Biblioteca Publica de Lisboa foi criada em 1796, por proposta apresentada a D. Maria I pelo marquês de Ponte de Lima, que foi o primeiro inspector, e pelo desembargador Seabra da Silva. O bibliotecario-mor foi o famoso Antonio Ribeiro dos Santos, lente de direito em Coimbra.

Foram fundação da Biblioteca Real as livrarias dos conventos dos Jesuitas, as das Mesa Censoria, depois a dos Paços do Duque de Bragança, os legados de Ribeiro dos Santos, e as colecções das ordens religiosas; enriqueceu-se com as aquisições do Estado em varias epocas, principalmente com a livraria de D. Francisco de Melo da Camara.

Nos ultimos trinta anos a Biblioteca Nacional aumentou consideravelmente com aquisições novas, legadas e transferencia de volumes. Pode calcular-se em 230.000 volumes impressos e 12.000 manuscritos o seu recheio, em boa parte valioso, com especies raras, e preciosas antiguidades.

Induscutivel é, porém, que as suas actuais instalações são precarias, insuficientes, e que o edificio não tem condições algumas — por agora — para servir ao fim a que foi adaptada.

★ ★ ★

O BOLETIM da Direcção Geral da Estatistica do Ministerio das Finanças insere o quadro dos indices-numeros do custo da vida referido a 1934, sobre a logica base de 100 de 1914.

Por esse indice se vê que nos ultimos seis meses o custo da vida se agravou em Lisboa acima dos indices de 1933, 1932 e 1931, tendo atingido a casa dos 2.000 pela primeira vez depois do ano de 1930.

★ ★ ★

NO mês de dezembro passado a Inspecção Geral dos Serviços de Fiscalização dos Generos Alimenticios aplicou multas que somam 210 contos, dos quais 71 tiveram de ser pagos por imposição do tribunal.

O leite e o pão foram generos que, por falsificação ou falta de peso, maior contingente deram.

PELA VERDADE

O sr. presidente do Conselho costuma falar com franquesa apresentando ao país não a nebulose dos seus projectos, mas o traçado da sua realização — já feita ou a fazer-se imediatamente. Não se esconde no vago nem no imponderavel: quando fala ou escreve, dirige se sem rodeios ao país que trabalha, produz e pensa, dizendo simplesmente o que é necessario, na expressão limpida da sua palavra que sabe amoldar-se aos factos, ás ideias, ás imagens e até aos numeros a que atribui uma eloquencia especial.

Muitos dos seus adversarios não ignoram isto, sendo vulgar ouvir-lhes:

— Não ha duvida de que Salazar sabe pôr os pontos nos i i.

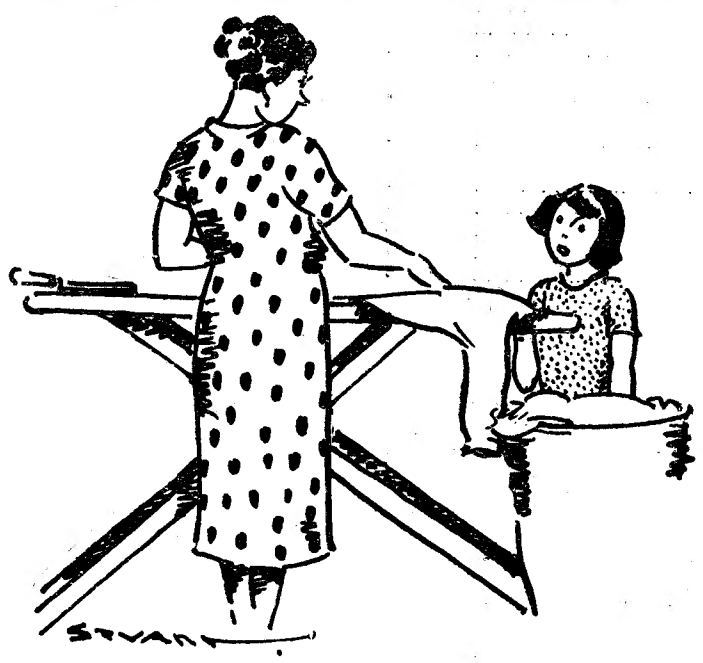
Para que a politica não seja uma arte de embair os incautos e de servir os compadres, requere-se que quem a pratica tenha uma alta noção das suas responsabilidades aliada a um claro entendimento dos seus principios e problemas.

Os inferiores, por mais que se esforcem em assumir nobres atitudes, trabalham em vão: a sua indole não os fadou para o apostolado. O homem verdadeiramente grande, consoante o pensamento dum grego ilustre, não governa os seus semelhantes, mascarando as suas intenções — á semelhança dos déspotas e dos sápatras.

O povo, entre outros direitos inauferiveis, tem o de exigir que lhe não falseiem nem corrompam o cuidado com que vela pelas cousas da Patria. Não se demandam longos arrazoados para explicar a verdade á gente humilde: basta a sinceridade convincente e o calor comunicativo. Ha em nós um instinto que nos põe de sobreaviso, assim que o palrador sem fé nem lei pretende arrastar-nos para o campo suspeito das suas divagações metaforicas.

Sob este ponto de vista, o sr. presidente do Conselho constitue um caso novo: não tergiversa, nem hesita, nem encobre a sua consciencia de estadista, com aquilo que Carlyle apodava de «fanfarras de retorica». Quem o quiser entender deve ouvi-lo ou lê-lo, na puresa das suas declarações.

A sua frase, tão expressiva como sintetica, não se presta aos jogos subtis da sofistica: brota da confiança que criou em volta de si — confiança que se robustece na coragem moral que lhe vem da certeza de que não ilude nem mente.



— O' Maria: por que é que se passa a roupa a ferro?
— E' para lhe tirar as rugas.
— Então por que não passas tambem a cara da avózinha?

UM morador do novo bairro do Montepio Geral, na estrada de Benfica, escreve-nos reclamando luz para aquele bairro ás escuras. «Temos bradado aos ceus, feito representações, apelado para a Imprensa, a Camara concorda com as nossas reclamações de luz num bairro novo a 15 minutos da Baixa — e a respeito de luz, nada».

— Não ha verba!...

A pessoa que nos escreve interroga «pois como isto suceder, e manter-se, em plena Lisboa? Aquilo parece um cemiterio de casas, e a obra do Montepio fica assim atraiçoada. Não ha verba para luz?! Sentimos esta injustiça e respeitosamente nunca deixaremos de protestar e de pedir... luz».

Indiscutivelmente ha razão para este brado.

★ ★ ★

SOFREU ha dias uma melindrosa intervenção cirurgica, para o que teve de recolher ao hospital da Trindade, no Porto, o nosso querido amigo sr. Joaquim Soares, que se encontra felizmente livre de perigo.

A operação decorreu com a maior felicidade, graças á notavel competencia do ilustre cirurgião dr. Alberto Saavedra, que foi coadjuvado pelos srs. drs. Oliva Teles e Antonio Peixinho.

A informar-se do estado de saude do sr. Joaquim Soares, que pela nobreza do seu caracter e pela bondade do seu coração conta gerais simpatias, têm ido ao hospital da Trindade numerosos amigos, que têm acompanhado com ansiedade o estado do enfermo.

★ ★ ★

APARECEU nas livrarias um novo livro da sr.ª D. Ana de Castro Osorio, «Quatro Novelas», das «Edições Descobrimentos».

O nome literario e a obra já publicada pela ilustre autora garantem o exito desta sua nova produção, que inclui, como o titulo o indica, quatro novelas «A Vinha», «A Feiticeira», «Diario de uma criança» e «A sacrificada». A este livro nos referiremos no nosso suplemento literario.

★ ★ ★

NO mercado livresco entrou um novo livro de Maia Alcoforado, «A' boca pequena», colecção de interessantes cronicas reunidas em três capitulos «Almas e corações», «Campo de Cruzes» e «Friso de Sombras». E' a obra de um peregrino, que andou pelas veredas estreitas do exilio na propria terra natal. E não é um livro politico, mas uma obra essencialmente literaria, a que nos referiremos a seu tempo.

★ ★ ★

ENCONTRA-SE ha dias em Lisboa e regressa amanhã ao seu posto o sr. Fernando Vasques, consul de Portugal em Casablanca, e cuja acção a favor dos interesses da colonia portuguesa em Marrocos tivemos já ocasião de elogiar.

A este numero do "Diario de Lisboa„ corresponde um suplemento literario de oito páginas

TEATROS E CINEMAS

O super Carnaval do Gimnasio

Sem comentarios, damos hoje a publico as atracções estrangeiras contratadas pelo empresario Erico Braga, para actuarem nas quatro noites de Carnaval no Gimnasio. «The Palomero Boys», jazz hispano-americano composto por nove elementos; «The Blue Germany Girls», seis formosissimas raparigas; «Timmy e Dolly», bailarinos americanos; «Carmelita Caballero», cancionista e bailarina; Zina Nerida, bailarina excentrica; «Lucifer's Jazz», orquestra-jazz com sete elementos, e o trio português Cressy-Charles e Frank.

Juntemos a estes numeros, todos os artistas portugueses de quem já falámos, lembre-se a revista «Beijos Quentes», as comedias, as farsas, os bailes, as ceias á americana no restaurante do teatro, os concursos, as mascaras, as apoteoses, e mil surpresas inéditas, e o publico que é o grande juiz, que diga, que decrete, qual é o melhor, o mais elegante e divertido Carnaval de Lisboa.

O recital de Conchita Ulia

O programa do recital de canções que a grande artista Conchita Ulia realiza amanhã, no Trindade, ás 21 e 45 horas, é o seguinte:

1.ª Parte: La Castellana, *M. Romero;* Tu no eras eso, *M. Romero;* Prends-moi dans tes bras, *Chambert;* O que eu queria dizer ao seu ouvido; *H. Tavares;* Não sei porquê, *H. Tavares* e L'amour est une etoile, *V. Scoot.*

2.ª Parte: Bonsoir, *Richepin;* Amei-te tanto!..., *C. Correia;* Sem você, *Silvio Caldas;* Silencio en la noche, *C. Gardel* e Te ha querido, *M. Abades.*

3.ª Parte: Tudo é fumo!..., *dr. Antonio Viana;* Amor de Mãi, *Casimiro Ramos;* Attende, *Jean Lenoir;* Tenho uma raiva de Você!, *Hakel Tavares* e Chaland qui passe, *C. Bixio.*

A estreia de Procopio Ferreira

Entrou em ensaios de apuro a peça «Deus lhe pague», de Joracy Camargo, que serve para apresentação do grande actor brasileiro Procopio Ferreira, no dia 8 de março, no teatro do Gimnasio. Os cenarios de «Deus lhe pague» são do artista Enrique Manz..., de S. Paulo, e toda a peça é posta em cena com a mesma propriedade com que foi representada no Brasil onde obteve um exito sem precedentes.

Atrás do reposteiro

Depois do Carnaval a revista *Zé dos Pacatos* sofrerá uma remodelação, sendo-lhe introduzidos dois novos bailados de Tielo; um quadro intitulado *Fitas Sonoras*, varios numeros novos e um final novo para o 2.º acto.

— Partiu para a sua casa de Aljubarrota o escritor teatral Lourenço Rodrigues, socio da empresa do teatro Apolo.

— A actual companhia de Variedades depois do Carnaval vai realizar no Porto uma série de espectaculos dedicados, no Carlos Alberto.

— Estreia-se amanhã em Coimbra, no teatro Avenida, com a comedia *O Menino Virtuoso*, a companhia de comedias do Trindade.

— Na festa que vai realizar-se no Apolo, dedicada aos maestros Raul Portela, Raul Ferrão e Correia Leite, estrear-se-ão varios numeros das suas mais aplaudidas revistas. revista *Café com leite*, no Sá da Bandeira, do Porto, em recita dedicada aos seus autores, Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa.

— E' no dia 25 do corrente que, em duas sessões, com um grande programa festivo, se realiza, no Maria Vitoria, a recita de homenagem á artista Mirita Casimiro.

— Depois de amanhã realizam-se *matinées* nos teatros: Apolo, com *Zé dos Pacatos;* Maria Vitoria, com *Viva a folia!* e Variedades, com *Nobre Povo.*

— Realiza-se hoje, no Avenida, a 3.ª representação, pela companhia Maria Matos, da comedia brasileira *Onde estás, felicidade?*, o mais lindo espectaculo para senhoras e meninas.

— Está definitivamente assente que a companhia Maria das Neves, do Maria Vitoria, realizará no Sá da Bandeira, do Porto, depois do Carnaval, uma série de espectaculos com a revista *Viva a Folia!*, fazendo a sua estreia naquela cidade a artista Mirita Casimiro.

— No ante-penultimo espectaculo que se realiza esta noite no Coliseu com a companhia de variedades Comitre apresentará novas experiencias de ilusionismo, que desconcertam os mais espertos, e «Alma Aragoneza» fará ouvir as mais expressivas Jotas, exibindo curiosissimos bailes regionais. Domingo: ultima «matinée» e despedida da companhia.

— E' hoje que se realiza, no teatro Sá da Bandeira, do Porto, com a 50.ª representação da revista *Café com leite*, a récita de homenagem aos seus autores, srs. Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa.

Haverá um fim de festa, em que tomarão parte diversos artistas daquele teatro e do Rivoli.

—Foi a actriz Beatriz Costa quem deu a *alternativa* á novel actriz Maria Pinto, na revista em cena no Sá da Bandeira, do Porto.

—No Nacional está a dar as suas ultimas representações a aplaudida comédia *Os cinco lobitos*, grande criação de Amelia Rey Colaço, anunciando-se para a proxima semana a opereta portuguesa *Solar dos Barrigas*, com Palmira Bastos.

"O Rosario Quebrado"

Na proxima segunda-feira, o Central Cinema, apresenta um filme, distribuido pela

Derek Oldham

«S. U. S.», e que está destinado a um grande exito. Trata-se de «O Rosario Quebrado» cujo enredo, de palpitante interesse, se inspira na celebre «Avé Maria», de Gounod, e foca a maravilhosa historia duma cantora que, contra tudo e contra todos, segue os impulsos do seu coração. Um espectaculo, em suma, de intenso agrado, brilhantemente desempenhado por Derek Oldham e Jean Adrienne.

Actualidades

Durante o ano de 1934 a Inspecção Geral dos Espectaculos censurou 258 filmes, com mais de cinco partes cada, enviados pelas seguintes casas distribuidoras:

Filmes Castelo Lopes	60	filmes
Companhia Cinematografica de Portugal...	40	»
Paramount Films S. A.	37	»
Metro-Goldwyn-Mayer	34	»
Sonoro-Filme, Ld....	34	»
Agencia Cinematografica H. da Costa, L.da	19	»
Soc. Universal de Super-Filmes (S. U. S.)...	12	»
Soc. Iberica Construções Electricas...	10	»
Raul Lopes Freire	7	»
Filmes Luiz Machado...	2	»
Ed. [illegible] ...	[illegible]	»
Tobis Portuguesa	1	»
	258	filmes

Destes 258 filmes, 256 foram importados e só dois se produziram em Portugal. Por cada 178 filmes estrangeiros, uma produção portuguesa!!!...

Não fazemos comentarios. Apenas lembramos que existe qualquer cousa escrita que se refere a filmes num numero muito atrasado do *Diario do Governo*, e que até hoje, não demos fé, de que tal se tenha cumprido.

Porquê?

— Encontra-se em Lisboa o director da distribuição da Paramount em Barcelona, D. Vidal Batet.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ — Telef. 2 7172 — Uma mulher para dois — Realização de Lubitsch, com Frederich March, Miriam Hopkins e Gary Cooper — A's 21 e 30

CENTRAL — Telef. 2 4381 — Marquês... á força — com Dina Gralla, Igo Sym e Paul Kemp — A's 21 e 30

CONDES — Telef. 22523 — Casamento do Sr. Director — com Marie Glory, Jean Murat e Armand Bernard — A's 21 e 30

ODEON — Telef. 26283 — Ali Bábá e os Quarenta Ladrões — A's 21 e 15

PALACIO — (Chu-Chin-Chow) com Anna May Wong, Fritz Kortner e George Robey — Telef. 47163 — A's 21 e 30

POLITEAMA — Telef. 2 6305 — O fugitivo de Chicago com Gustav Frölich, Lucie Ulrich e Lil Dagover — Fim de festa: Dr. Ferusa (do Instituto-Magnetico de Paris) — A's 21 e 30

PARIS — Tel. 2 8777 — Soirée ás 8 e 45 — A GRANDE JAULA — A Cavalgada da Morte

CAPITOLIO — Uma noite no Grande Hotel — Noite de Maio — Bilhetes desde 1$60

TERRASSE — Escândalos Romanos — Sombras de Paris — Ás 21 e 15 — Telef. 20917

LYS — Telef. 4 8560 — Uma noite de amor — Recordar é viver — ás 21 e 15

JARDIM CINEMA — ás 20 e 45 — Domingo: Uma noite, aconteceu... — Matinée ás 14 e 45

ROYAL — ás 21 e 15 — Telef. 4 5037 — A Princêsa das Czardas — PARTIR

Teatro Nacional

HOJE a encantadora comedia com HOJE

AMELIA REY COLAÇO

Em ultimas representações

CINCO LOBITOS

NA PROXIMA SEMANA: — A opereta portuguesa de D. João da Camara e Gervasio Lobato. Musica de Ciriaco Cardoso.

O Solar dos Barrigas

com PALMIRA BASTOS no principal papel

CARNAVAL DE 1935

Está aberta na bilheteira a marcação de lugares para as 4 noites e para o tradicional BAILE INFANTIL.

BOLSA DE LISBOA

22 de fevereiro

CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1|2 °|° 1923 convert. em 4 3|4 °|° 1934	1.112$00	1.111$00	1.113$00
Consolidado 5 1|2 °|° 1933	1.057$00	1.057$00	1.058$00
» 4 1|2 °|° 1933	999$00	998$00	999$00
» 4 °|° 1934	923$00	922$50	923$50
Externo 3 °|° 1.ª Serie	1.577$00	1.576$00	1.579$00
» 3 °|° 2.ª »	—	—	—
» 3 °|° 3.ª »	—	1.590$00	1.595$00
Emp. 4 1|2 °|° 1912	—		—
» 6 1|2 °|° 1930-Consol.	520$50	520$00	521$50
» 6 3|4 °|° 1930-Portos	519$00	519$00	519$50
» 6 °|° 1932	—	1.016$00	1.021$00
Acções			
Bancos			
Comercial de Lx.ª port.	—	—	—
Lisboa & Açores »	—	380$00	384$00
Portugal »	—	—	1.078$00
Espirito Santo	—	—	—
C.ª de Seguros			
Bonança	700$00	695$00	—
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	175$00	177$00
Nacional	—	—	810$00
Sagres	—	1.000$00	—
Tagus	—	700$00	—
C.ª diversas			
C. P. ordinarias	—	96$50	100$00
» » privilegiadas	—	—	—
Aguas de Lisboa, port.	—	700$00	720$00
Cerveja Estrela	236$00	236$00	238$00
Cimentos de Leiria	600$00	599$50	605$00
Credito Predial	—	27$50	28$00
Gaz e Electricidade	302$00	301$50	302$00
Navegação	—	—	—
Portugal e Colonias	67$00	66$50	67$20
Portuguesa de Pesca	—	—	173$00
» de Tabacos	388$00	388$00	389$00
Tabacos de Portugal	—	332$00	335$00
Tabaqueira	—	545$00	560$00
União Electrica Portug.	—	—	—
Coloniais			
Assucar d'Angola	440$00	435$00	439$00
Busi—1.ª Emissão	—	38$20	39$00
» —2.ª »	—	—	—
Ilha do Principe	161$00	163$00	165$00
Obrigações			
C. P. 6 o|o	528$00	527$00	529$00
Prediaes 6 o|o—1932 1.ª	—	90$50	91$00
» 7 o|o	120$50	120$00	124$00
U. Electrica Port. 7 1|2	130$00	130$00	131$00
Busi 9 o|o	119$50	119$00	120$00

Henrique de Barros Gomes
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$10	110$20
Paris	1$49,7	1$49,8
Madrid	3$10,3	3$10,5
New-York	22$63,4	22$65,4
Zurich	7$31,7	7$35,4
Roma	1$92	1$92,2
Bruxelas	5$29,4	5$29,9
Amsterdão	15$32,8	15$34,2
Berlim	9$10,6	9$11,4
Praga	$91,5	$91,6
Rio de Janeiro	1$49	1$49,2
Libra ouro	—	—

RUTHER—é a ultima criação cientifica para estimular o **Bulbo Piloso.**
A' venda na **Drogaria Portugal**, Avenida Almirante Reis, 65 F.

**O RESTAURANTE «CHIC», da praça dos Restauradores, aberto toda a noite, dá garantia de asseio porque tem uma cozinha modelarmente montada e uma «Frigidaire» que mantem os mariscos, carnes e peixes, nas melhores condições de consumo.
Serviço á Carta, rapido, abundante e perfeito.**

Palacio Aviz
Permanentes garantidas por seis meses, incluindo corte, lavagem Mise Loção. Preço unico, 30$00.
Executadas pelo artista
Tomás Espanhol
LARGO DO CALHARIZ, 17, S/L.
Telef. 2 8314

AVENIDA HOJE
A's 9,30 horas
Um lindissimo espectaculo
Onde estás Felicidade?
A mais encantadora comedia para
Senhoras e Meninas

CONCHITA ULIA
A artista adorada das mulheres portuguesas
Realisa—Amanhã—A's 9,45 horas, no
TRINDADE
UM GRANDE
RECITAL DE CANÇÕES
com
UM PROGRAMA NOTABILISSIMO
Frizas, 55$00; camarotes de 1.ª, 50$00; Idem de 2.ª, 35$00; poltronas, 12$50; cadeiras de orquestra, 10$00; cadeiras, 8$00; balcão de 1.ª, 12$50; balcão de plateia e de 2.ª, 6$00; balcão de 3.ª, 5$00 e galerias, 4$00.

APOLO
A's 8 1|2 e 10,45 horas
ZÉ dos PACATOS

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Arge, condessa da Esperança (D. Maria), D. Maria Inez Serpa Sarmento de Ramos Pinto, D. Maria Clementina Pereira de Melo, D. Inez Brito da Rocha e Melo, D. Madalena Bellard da Cunha e Meneses, D. Maria Adelaide Tameirão (Valado), D. Maria Leonor Manuel (Atalaia), D. Maria Amelia de Lancastre Freitas Alegro e D. Maria Luiza Duff.

DIPLOMATAS

No Avenida Palace realizou-se ante-ontem á noite um banquete de homenagem ao sr. ministro da Polonia em Lisboa e a sua esposa, oferecido pelos membros mais categorizados da colonia polaca, por motivo daquele diplomata deixar de exercer o seu alto cargo em Portugal, para ir desempenhar identicas funções em Madrid. Ao «Champagne» foram proferidos discursos. Em seguida eefctuou-se uma recepção que decorreu muito animada e á qual concorreu toda a colonia.

RECITA DE HOMENAGEM

Constituiu sem duvida alguma, um verdadeiro acontecimento mundano a noite da festa de homenagem aos cronistas mundanos e nossos camaradas Vasconcellos e Sá e Mota Marques, realizada no teatro da Trindade, em cuja assistencia se viu tudo que de melhor conta a nossa aristocracia e corpo diplomatico. Não publicamos a referida nota, devido á falta de espaço com que luta um jornal do nosso formato, mas será publicada nos nossos colegas da manhã.

DOENTES

Na casa de saude da Estrela foi operada com muito exito pelo habil cirurgião dr. Bastos Gonçalves a sr.ª D. Maria Ferro de Sousa Peres Murinello.

«RUTHER»—deve sempre existir no seu toucador, repare bem e faça dele o seu confidente; pois ele restituir-lhe-á aos seus cabelos a sua coloração primitiva, combatendo a **Caspa e a queda do seu precioso cabelo.**

A' venda na **Drogaria Açoreana de Ferreira & Ferreira, Lda.**, 99, rua da Prata, 101.

No CAFE-RESTAURANTE «CHIC» ha os melhores mariscos e cerveja, como a que melhor se tira nos estabelecimentos congeneres.

Amelia Augusta Lapa Dias da Silva Pinto

FALECEU

Seus filhos, nóras, genro e netos cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua muito querida e chorada mãe, sogra e avó, realizando-se o funeral amanhã, 23, pelas 15 horas, da sua residencia, na rua do Salitre, J. G., rlc dt.º para o Cemiterio do Alto de S. João.

MAGNO

Contra almirante Agnelo Portella

FALECEU

Julieta Portella Branco Cabral, seu marido e filha, Armando Portella, Henrique Portella, sua mulher e filha, Albino Pimenta de Aguiar, sua mulher e filhos, Antonio Pimenta de Aguiar, sua mulher e filhos, participam o falecimento do seu querido pai, sogro, avô, cunhado e tio, contra-almirante Agnelo Portella, e que o seu funeral se realiza em 23 do corrente, ás 14 horas, da sua residencia, Avenida Almirante Reis, 101, 1.º, para o cemiterio dos Prazeres.

DESPORTES

A solução de um conflito

Começa no proximo domingo, o Campeonato de Lisboa

O «hockey» em campo, após três meses de paragem, volta agora a dar sinal de si.

Por nos parecerem desconhecidas de grande parte do publico, as causas de abandono a que a modalidade do «stick» tem sido votada, historiamos, a traços largos, a questão e sua evolução.

Num jogo de começo da época, entre o Benfica e o Hockey, os arbitros marcados não compareceram.

Depois de [illegible] pelos capitães dos grupos em luta, dirigiu o encontro o presidente da Associação de Hockey em campo, sr. Almeida e Sousa, pessoa que tem dedicado ao «hockey» o melhor do seu esforço.

Findo o jogo, a arbitragem não agradou aos vencidos, e alguns jogadores assumiram uma atitude pouco correcta.

Almeida e Sousa levou o caso á reunião da direcção; e, seguindo o criterio já usado, propôs a aplicação de varios castigos.

Mas um dos directores, o sr. Guedes Pinto que, como delegado do Hockey, ocupava o cargo de tesoureiro, discordu da aplicação dos castigos.

Daqui nasceu uma questão prolongada com evidente prejuizo para o «hockey».

Até que o prestigioso dirigente, sr. Jorge Paiva, presidente da assembleia geral, resolveu intervir, pondo termo ao incidente.

O tesoureiro acabou por se demitir, ficando Almeida e Sousa no seu cargo.

A direcção recompôs-se, e, arrumado este lamentavel conflito, começará, no proximo domingo, o campeonato de Lisboa de 1934-35.

O sorteio dos jogos

Verificada a inscrição do Internacional, Hockey, Benfica, C. F. Benfica, Belenenses, Carcavelinhos, Ateneu e Campolide, procedeu-se, no passado dia 18, ao sorteio do calendario de jogos.

Constatada a vantagem de, devido ao adiantado da epoca, dividir os grupos em duas series, tomou-se por base para essa distribuição a classificação dos clubes no campeonato transacto.

Dêste modo, ficaram na serie A o Belenenses, Campolide, Internacional e C. F. Benfica, a quem, no sorteio, coube respectivamente os numeros 1, 2, 3 e 4. A' serie B pertencem o Carcavelinhos, Ateneu, S. L. Benfica e Hockey C. P., respectivamente com os numeros 1, 2, 3 e 4.

O campeonato será disputado em duas voltas e o apuramento final será feito entre os dois primeiros classificados de cada serie, que disputarão entre si uma «poule» em duas mãos.

O calendario de ambas as series ficou asim constituido:

1. dia—1-2 e 3-4.
2.º d[illegible]-1-3 e 2-4.
3.º d[illegible]—1-4 e 2-3.

Sempre que a disponibilidade de campos o permita os jogos da 1.ª volta serão realizados no terreno do grupo que tiver numero inferior.

Os arbitros da 1.ª Liga

No proximo domingo prosseguirá o campeonato das Ligas. Estão nomeados para dirigirem os encontros os seguintes arbitros:

Palhinhas—Belenenses contra Benfica; Travassos — Sporting contra União; Tavares da Silva—Vitoria contra Associação Academica.

Para o encontro F. C. do Porto—Academico tinha sido indicado Vieira da Costa, mas o Academico pediu a sua substituição, declarando-o inclinado ás suas côres, e assim o desafio será dirigido por um arbitro lisboeta.

Congresso Ordinario da U. V. P.

Realiza-se hoje o Congresso Ordinario da União Velocipedica Portuguesa, para discussão e votação do relatorio e contas da gerencia de 1934 e eleição de corpos gerentes.

Antes da abertura do congresso, proceder-se-á á inauguração dos retratos dos seus falecidos consocios srs. conde de Caria, Magalhães Fonseca e Luiz Trigueiros, a quem a velocipedia nacional muito deve.

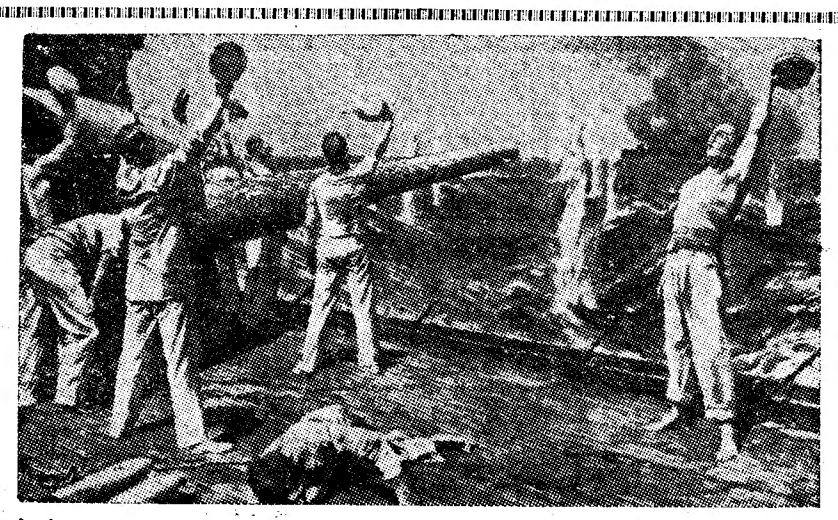
O congresso efectua-se ás 21 horas e 30.

Usar **RUTHER**—é ter em alto grau atributos maiores da perfeição humana.

A' venda na **Drogaria Rodolfo Lima**—Avenida Almirante Reis, 85.

O ESPUMOSO Tagide É SUPERIOR

L. da Anunciada, 19 — Tel. 2 7574



A bordo do cruzador alemão «Derflinger» soltam um viva entusiastico quando, numa salva dos seus canhões de grande calibre, afundam, fulminantemente, o grande «Galatéa» da Marinha Inglesa

Eis uma das cenas, relatadas com fria verdade e objectivismo, na obra de escandalo

A verdade ácêrca da batalha da Jutlandia

pelo **Vice-Almirante J. T. Harper**, do Estado Maior Naval Inglês

Edição portuguesa com sugestivas gravuras «fora do texto» desenhos e diagramas.
Esta obra desenvolvimento do celebre «Relatorio Harper», proibido pelo Almirantado Britanico e Camaras Inglesas, restabelece a verdade sobre este grande enigma da historia contemporanea

Quem ganhou a batalha da Jutlandia?

Alemães ou Ingleses?

Graves revelações — Sensacionais relatos

Edição da Editorial Enciclopedia, Limitada — LISBOA — RIO DE JANEIRO

Distribuidores exclusivos:

Empresa Nacional de Publicidade

Rua do Diario de Noticias, 27

A' venda em todas as livrarias—**PREÇO BROCHADO 10$00 Esc.**

O BAILE DOS MEDICOS

Nos lindos salões nobres da nossa Faculdade de Medicina, realiza-se amanhã o tradicional «Baile dos Medicos», festa que costuma impôr-se pela elegancia da sua assistencia e pela alegria esfusiante que a tem caracterizado.

Durante o baile tocam duas orquestras, haverá uma lauta ceia e numeros de variedades desempenhados por medicos novos e veteranos, entre os quais se contam os drs. Pina Junior e Couto Viana, que prometem contar engraçadas anecdotas.

Enfim, tudo se conjuga para que esta festa, em beneficio da Caixa de Previdencia dos Medicos, resulte interessante e cheia de inesquecivel brilhantismo.

Pastelaria Cais do Sodré, L.da

Na nova Pastelaria Cais do Sodré, Limitada, realizou-se ontem, á noite, uma festa, organizada pelos seus gerentes os srs. José Miguel Correia, Francisco Nascimento da Silva, José Sanches, Domingos Augusto da Silva e Joaquim Rafael da Costa, que constituem a garantia bastante do bom fabrico e funcionamento daquele estabelecimento.

A Pastelaria Cais do Sodré, Limitada, que se encontra instalada na rua Bernardino Costa, 21 (ao Corpo Santo) e cujas portas abriram ao publico ha dias com um magnifico serviço de doçaria, foi ontem á noite visitada por numerosas pessoas, que tiveram ocasião de presenciar as suas modelares instalações com fornos proprios e nas quais é cuidadosamente confeccionada toda a pastelaria.

Finda a visita, foi servido á Imprensa e aos numerosos convidados um finissimo *copo de agua*, que serviu de pretexto para troca de afectuosos brindes.

Harmonico para um cego

Antonio Henriques Baptista, cego de nascença, e, portanto, impossibilitado de trabalhar, ha dez anos ganhava, modestamente, a sua vida, cantando e tocando pelas ruas.

Sucede, porém, que o harmonico, de tanto tocar, cansou, não sendo já susceptivel de conserto. Henriques Baptista, que tem dois filhos a seu cargo, e móra na rua Oliveira, 77, 2.º, em Cacilhas, pede, por nosso intermedio, recursos para adquirir outro instrumento.

Apelando mais uma vez para a generosidade dos nossos leitores, inscrevemos o nome do pobre cego na administração do nosso jornal, onde podem ser recebidos os donativos.

Olimpia Pereira Fernandes

Missa do 30.º dia

Antonio Joaquim Fernandes, Olimpia Fernandes Nunes, Maria Amelia Fernandes Teixeira seu marido e filha, Alzira Fernandes Costa seu marido e filho, participam que mandam celebrar amanhã sabado 23 as 11 horas na igreja de S. Domingos, uma missa sufragando a alma de sua saudosa esposa, mãi, sogra e avó. Desde ja agradecem a todas as pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto.

R. I. P.

Gertrudes Pastoria do Nascimento

FALECEU

Ermelinda Pastoria do Nascimento e sua familia participam o falecimento de sua querida mãi, tia e madrinha, e que o seu funeral se realiza amanhã, 23, pelas 10 horas, da sua residencia, rua Palmira, 10, 4.º, para o Cemiterio Oriental.

MAGNO

Companhia das Fabricas Ceramica Lusitania
Grandes fabricas de bons produtos ceramicos de
TODOS OS GENEROS E PARA TODOS OS USOS
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIZ!

A Cidade

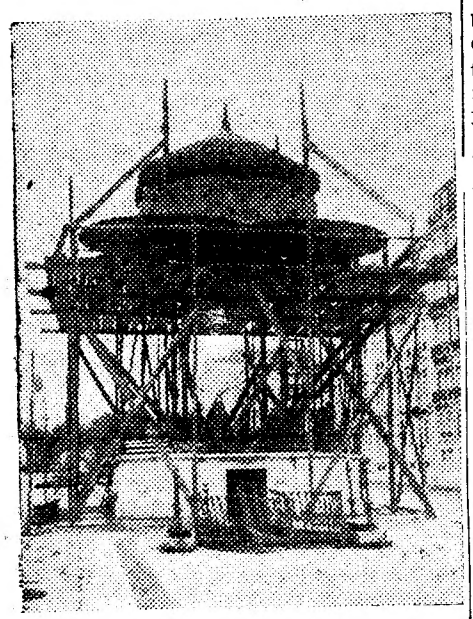
Escrita á Maquina
Ensino individual, no nosso escritorio.
Habilitação completa 100$00
ou mensalidades desde 30$00.
Aluguer de maquinas á hora
ESCOLA COMERCIAL PORTUGUESA
POR CORRESPONDENCIA
Rua do Arsenal, 54, 3.º-LISBOA

O corêto da Avenida

vai ser transferido para o Jardim da Estrela

O coreto da Avenida—a cuja demolição ou levantamento se está procedendo, para o transferir para o jardim da Estrela—não tem historia. Não a chegou a ter. Mas têm recordações.

A avenida da Liberdade, que data de 1875—pois em dezembro foi lançada a primeira pedra desta obra mu-



nicipal—destronou o antigo e romantico Passeio Publico.

Delineada, alinhada, realizada a Avenida, surgiu anos depois o ingenuo coreto, sem grandeza, mas com certa elegancia obra do ilustre arquitecto José Luiz Monteiro, que vive ainda com 87 anos.

Pouco mais terá que cinquenta anos.

Teve tempo bastante, contudo, para assistir aos bizarros desfiles domingueiros, e nas tardes em que «dava concerto» militar, pela banda da Guarda da Marinha, ou de Caçadores 2—o coreto da Avenida, rodeado de cadeiras, alugadas pelos velhinhos do A. M., presenciava a pasmaceira da Lisboa romantica, os namoros furtivos, a atenção discreta dos amadores de boa musica, que não podiam ir a S. Carlos.

Não ha acontecimento alfacinha do fim do seculo passado até á data—cortejos, festas, revoluções, tumultos, desfiles regios, saidas de touros, paradas militares, «corsos» pobrezinhos de Carnaval—a que ele não tivesse assistido, já sonambulo, já estafado, «demodé», esquecido da moda.

A «feira franca» do Centenario da India devia trazer-lhe saudades. Viu Lisboa do ultimo meio seculo na Avenida» «fazer avenida». Talvez nos conhecesse a todos.

Vai-se embora; mudam-no. Acabou-se.

E agora resta-lhe a consolação de, para onde quer que o mudem, ficar sempre «o coreto da Avenida».

A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11
Almoços completos de 12 e 16 Escudos
Jantares completos de 15 e 18 Escudos

Já estão a funcionar

cursos de higiene e puericultura em varios liceus de Lisboa

Do inspector de Saude Escolar de Lisboa recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

Sr. director do *Diario de Lisboa*.—Contando mai uma vez com o acolhimento de v., venho pedir-lhe o favor de tornar publico o seguinte esclarecimento:

Tendo lido nos jornais o relato da Assembleia Nacional, vi que a ilustre medica e deputada sr.ª D. Domitila de Carvalho tinha proposto a criação nos liceus femininos dum curso obrigatorio de higiene e puericultura.

Em abono da verdade, devo informar v. e o publico dos numerosos leitores do seu jornal que por ordem da Direcção Geral da Saude Escolar e de acordo com os reitores dos diferentes liceus do país, estão já funcionando os cursos que a minha colega como deputada pretende tornar obrigatorios.

Em Lisboa, no liceu de Filipa de Lencastre, da reitoria da sr.ª D. Maria Margarida Silva, esse curso está funcionando desde janeiro ultimo, sob a direcção da medica escolar sr.ª D. Cristina Cunha. A's pequenas palestras que sob o assunto se fazem ás alunas nem uma só falta se registou, embora o curso seja facultativo.

No Liceu de Maria Amalia, de acordo com a reitora e deputada, sr.ª D. Maria Guardiola, tambem com o mesmo fim, e em novembro ultimo, a sr.ª D. Eugenia Candida da Silva, medica escolar, abriu um curso voluntario para as alunas da 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª classes. Inscreveram-se 220 alunas.

Em todos os liceus do país os medicos escolares, além de vigiarem o grupo, dedicam-se igualmente ao ensino da higiene fisica, intelectual e moral.

Na proxima quinta-feira, na secção mixta do Liceu de Camões (Rego) os alunos do 5.º ano terão uma lição de higiene sexual.

O publico ignora estes factos, mas o trabalho que os medicos escolares vêm realizando neste sentido merece que se lhes faça justiça. Por isso, venho não só apoiar o proposito da sr.ª D. Domitila de Carvalho (cuja tese, já tinha sido defendida no Congresso da União Nacional pelo sr. dr. Americo Cortez Pinto, inspector da zona Norte da Direcção Geral da Saude Escolar), mas tornar publica a obra que, sob a direcção do ilustre professor dr. João Serras e Silva, os medicos escolares estão realizando, e que é, sem duvida, a de maior alcance e interesse espiritual que se tem efectivado nos ultimos anos.—*Daniel Monteiro*, inspector da Saude Escolar de Lisboa.

VIDA CULTURAL

O sr. dr. José de Bragança realiza hoje, ás 21 e 30, mais uma lição do curso de Historia de Arte, promovida pelos «Estudos Sociais e Literarios».

Esta conferencia, que é feita sob a égide da Sociedade Nacional das Belas Artes, na rua Barata Salgueiro, será acompanhada de projecções luminosas.

O conferente abordará o tema: «Arte Egipcia».

No sabado, ás 21 e 30, na praça Luiz de Camões, 46, 2.º, realiza-se mais uma lição do curso «Problemas internacionais» em que o dr. Macedo Mendes se referirá ás «Directrizes do imperialismo italiano e a questão da Abissinia».

A inscrição para estes cursos e conferencias, que foi prolongada até ao fim do corrente mês, faz-se na séde da Universidade Livre, na praça Luiz de Camões, 46, 2.º.

O guarda 2030

reconheceu no «Sargento Bera» o autor da agressão de que foi vitima

Cêrca das 15 e 30 de hoje o sr. dr. Lavrador, adjunto do director da P. I. C., encarregou os agentes Campino, Sequeira, Simões e Dias, de levarem ao hospital de S. José o «Sargento Bera» junto do guarda da Policia de Segurança n.º 2030, para ver se o ferido o reconhecia como sendo o seu agressor. Os agentes fizeram-se acompanhar de vinte pessoas para meter entre elas o «Sargento Bera».

O sr. dr. Lavrador presidiu ao reconhecimento. O guarda Julio Dias que se encontra livre de perigo — estava estendido na cama, com o tronco atado por uma ligadura.

Os agentes, com receio de que o preso se evadisse, tomaram todas as precauções dentro do hospital, de molde a prevenirem qualquer tentativa de fuga. O «Sargento Bera» vestia um fato de ganga e um casaco côr de café com leite. Apresentava-se sorridente e, cavaqueando com os agentes, tranquilizava-os constantemente, afirmando que não fugiria, pois se o fizesse, só agravaria a sua situação. Pelos corredores por onde ele teve de passar para se dirigir á enfermaria onde se encontrava o ferido, varias enfermeiras perguntavam:

— Onde vai o «Bera»? Quem é ele?

Ao ser-lhes indicado quem ele era, ouviam-se exclamações como esta:

— E' um rapaz simpatico!

Quando o preso entrou na enfermaria, todos os doentes se queriam levantar. Foi necessaria a intervenção energica dos enfermeiros para que eles não abandonassem os leitos, pois todos desejavam ver o famoso cadastrado.

Cêrca dum quarteirão de pessoas colocaram-se em frente da cama do guarda Julio Dias.

O dr. Lavrador, dirigindo-se ao ferido, disse:

— Veja se algum dos presentes foi quem o feriu...

O guarda, sem vacilar, apontou para o «Sargento Bera», dizendo:

— Foi aquele!

O sr. dr. Lavrador, fingindo não perceber, apontou para um individuo que se encontrava ao lado do criminoso e preguntou:

— Este?

— Não! Foi aquele! — insistiu o ferido, indicando novamente o «Sargento Bera», que retorquiu:

— Com que então fui eu? Isso é uma vingança sua contra mim!

O sr. dr. Lavrador mandou recolher o preso ao Torel, e o agente Toscano ficou a ouvir o ferido.

Homenagem ao sr. Machado Pinto

A proposito da homenagem que o pessoal dos serviços dependentes da Direcção Geral da Assistencia prestou ontem ao respectivo director, sr. Machado Pinto, informa-nos o sr. dr. Augusto da Fonseca, director da Escola Profissional D. Maria Pia, que nem ele nem os funcionarios que servem sob as suas ordens tiveram conhecimento daquela manifestação, nem foram convidados para assinar a mensagem que foi entregue ao sr. Machado Pinto, ficando por esta forma inibidos de prestar, como desejavam, a sua homenagem áquele alto funcionario.

DE LUTO

D. Ana Rita Sardinha Coelho

Realizou-se hoje de tarde com enorme concorrencia o funeral da sr.ª D. Ana Rita Sardinha Coelho, mãi dos nossos queridos amigos srs. tenente-coronel José Maria Sardinha Pereira Coelho, 2.º comandante do regimento de Infantaria 1, e Mario Alberto Sardinha Pereira Coelho, sub-director da Fabrica de Material de Guerra.

Durante o dia acorreram a casa da bondosa senhora centenas de pessoas de todas as classes sociais, do Exercito,—principalmente das unidades onde os filhos da extinta prestam serviço—membros da Camara Municipal, artistas, escritores, gente de teatro de todas as categorias, jornalistas e deputações de soldados.

A' hora do funeral quasi se tornava impossivel ás pessoas que chegavam apresentar os seus pesames á familia enlutada.

No cemiterio dos Prazeres tambem o feretro era aguardado por centenas de pessoas que o acompanharam até ao jazigo de familia onde ficou depositado.

A manifestação de saudosa piedade prestada á memoria da veneranda senhora servirá, ao menos, de lenitivo á dôr que punge o coração de seus filhos.

O funeral foi dirigido pelos srs. coronel Cristovam Aires e capitão Cardia da Cunha.

Contra-almirante Agnelo Portela

Faleceu hoje o contra-almirante sr. Agnelo Portela, que passara ha poucos anos á reserva, depois de uma longa e interessante carreira.

O extinto serviu largo tempo nas estações navais das colonias, tendo comandado muitos navios, quer na metropole, quer nos nossos dominios ultramarinos.

Foi ministro da Marinha da ditadura, sucedendo ao sr. almirante Jaime Afreixo e sobraçando a pasta durante alguns meses.

A' familia enlutada e em especial ao genro do extinto, sr. eng. Branco Cabral, as nossas condolencias.

A favor dos Parques Infantis

Um interessante espectaculo cinematografico

A brilhante poetisa sr.ª D. Fernanda de Castro, a quem se deve a simpatica iniciativa dos Parques Infantis organizou para o proximo domingo, no teatro do Gimnasio, um admiravel espectaculo cinematografico, cujo produto reverte a favor daquela benemerita instituição. A «matinée» é uma evocação curiosa de cinema, desde os seus tempos mais antigos até aos nossos dias.

A primeira parte é constituida por filmes da fase inicial do cinema italiano; a segunda, tem por heroi «Charlot na Rua da Paz», em edição da Paramcunt, e filmes retrospectivos, inexcediveis de pitoresco; e a ultima com a famosa pelicula «Trader-Horn».

Marcam-se desde já bilhetes, no Gimnasio, para este espectaculo.

Enviados á Boa Hora

Vão ser amanhã enviados para o Tribunal da Bôa Hora José Vicente da Cunha Mafra e Hermenegildo Nunes de Sequeira, por terem praticado um desfalque na importancia de 130 contos, na Companhia Nacional de Alimentação.

A questão vinicola

SANTAREM, 23. — Seguiram hoje para Lisboa, em comboio especial, trezentos lavradores de Almeirim e arredores, que vão tratar, junto da Assembleia Nacional, da questão vinicola. Em varis automoveis saíram para o mesmo fim numerosos lavradores.

Conserve os dentes usando a PASTA DENTIFRICA BENAMOR

No São Luiz: Uma comédia mundialmente célebre!
UMA MULHER PARA DOIS
de LUBITSCH, com a maravilhosa interpretação de
MIRIAM HOPKINS, FREDERICH MARCH e GARY COOPER!
Bilhetes á venda para as grandes festas do Carnaval

No TIVOLI: Um grande êxito popular!
Se eu fosse o patrão
com duas criações cómicas de MAX DEARLY e FERNAND GRAVEY
A seguir: AS DUAS ANNYS, com a célebre Anny Ondra em dois papeis

Defenda a sua pele usando o PÓ D'ARROZ NALLY

RADIO EUROPA
REPARAÇÕES
T. S. F.
O LABORATORIO
mais completo do país
R. Augusta, 75, 1.º—LISBOA

A Cidade

Automoveis de aluguer
(sem chauffeur)
"Auto - Triunfo"
Rua de St.ª Marta, 206
Telef.: 4 1324

O MOMENTO POLITICO

As importantes declarações do chefe do Govêrno

acêrca da ordem publica, da actividade do Parlamento, do custo da vida, dos impostos municipais e de outros assuntos da maior actualidade

O sr. presidente do Conselho concedeu ao nosso colega «O Seculo» uma entrevista a muitos titulos interessante. Foca varios pontos da vida publica, e as opiniões que expande acêrca de certos problemas e questões nacionais são apresentadas com clareza, mesmo com franqueza. Na impossibilidade de transcrevermos todas as declarações do sr. dr. Oliveira Salazar, fazemos um resumo da entrevista e recortamos alguns periodos mais sugestivos.

Ordem publica

«Quando principiam a esvoaçar por aí boatos de revoluções, de barulhos, de simples alterações da ordem, não são as consequencias internas desses sarampos sanguinarios que me preocupam. Sei, como toda a gente de bom senso sabe, que os inimigos da situação não têm fôrça para lhe causar mal que se veja. O que me atormenta é o mal que nos pode causar lá fóra a mais simples desordem politica, que venha quebrar a tranquilidade em que o País vive. O estrangeiro diria que se tinha enganado nos juizos pacificos, feitos ao nosso respeito».

A Camara Corporativa

«Quanto á Camara Corporativa o seu rendimento tem sido optimo. Como não fala para a galeria, como o seu trabalho diario não tem a divulgá-lo nem a Imprensa, nem o proprio *Diario das Sessões*, tudo nessa assembléa é discreto, simples, normal, sério. As iniciativas legislativas são apreciadas sem paixão, por pessoas especializadas, conhecedoras dos assuntos e animadas pelo mais decidido desejo de acertar. Os seus relatorios são bastas vezes peças de primeira ordem, sem jámais deixarem de estar á altura das questões que os inspiram. Quere isto dizer que a Camara Corporativa seja perfeita, que não precise de retoques, a aperfeiçoar-lhe a mecanica que acciona o seu funcionamento? Não. A sua estrutura necessita ainda de modificações».

A Camara dos Deputados

Depois de acentuar a diferença entre os antigos parlamentos e a actual Assembleia Nacional, e de lembrar que na actual Camara não ha maiorias nem minorias, diz o chefe do Governo:

«A Camara não tem tido de facto nem com a União Nacional, por um lado, nem com o Governo, por outro, a intimidade de relações e de colaboração que seria para desejar. Não é por isso estranhavel que até o presente tenham abundado os avisos prévios e os projectos de lei, tocando muitas vezes questões dum melindre e de uma delicadeza enormes, sem que o Governo tenha tido conhecimento desses projectos senão pelos jornais. O pior mal, porém, ainda não é esse. Até aqui a Ditadura traduzia claramente por si propria a unidade de direcção indispensavel na governação publica, e a Nação sabia que orientação seguia o responsavel por essa Ditadura. E confiava nele. Sabia que nenhum acto seu se afastaria dessa orientação. Com o trabalho da Assembleia Nacional, que por hipótese desse a impressão da dualidade governativa, o País podia desorientar-se e pensar que se mudara de rumo. A confusão podia, enfim, vir tomar o lugar da confiança e da ponderação. E isso é que é preciso evitar».

Confia que a Camara tomará a auto-disciplina que lhe falta. «E' preciso contar com a boa vontade de todos, porque todos estão perfeitamente compenetrados das responsabilidades assumidas».

O Fundo de Desemprego

O sr. presidente do Conselho diz:

«O fundo do desemprego deve deixar um dia de existir, dado o seu caracter transitorio. Mas a contribuição que o alimenta é natural não deixar de persistir. E persistirá para alimentar as Caixas de Previdencia, agora criadas, conjuntamente todos os recursos financeiros a essas mesmas Caixas destinados».

Casas do Povo

São, para o sr. dr. Oliveira Salazar, uma das mais belas instituições, senão a mais bela do Estado Corporativo. Mas:

«Reconheço, porém, que lhes falta, para a sua multiplicação por todo o País, quem lhes dê alma e lhes insufle vida, quem as anime com a sua fé e as fortaleça com a sua dedicação. As Casas do Povo podiam e deviam ser o foco de toda a vida rural. Os senhores da terra, as pessoas abastadas das aldeias de Portugal deviam exercer largamente em relação a elas o seu patronato social, protegê-las, fortalecê-las, animá-las por todos os meios ao seu alcance. Baluartes da ordem, deviam ter a servi-las todos os que na desordem possuem o seu pior inimigo. Pois não acontece assim».

Custo da vida

O Governo está interessadissimo no estudo de todos os fenomenos provocadores do custo da vida. Mas reconhece a dificuldade de os dominar.

«Todas as experiencias e tentativas desse genero falharam e com estrondo. Tem-se recorrido a outros processos. Tentou-se disciplinar a produção, que andava desorganizada, e moralizar uma concorrencia desenfreada, que levava até a destruição dos capitais comprometidos em várias actividades. Surgiram assim os grémios, os consorcios e demais organizações corporativas existentes. Porque o aparecimento de tais organismos coincidiu com o agravamento do custo de determinados generos e artigos de primeira necessidade, o consumidor localizou o fenomeno, atribuindo a produtores e a distribuidores factos de que eles nem sempre eram os unicos culpados. Significa isso que não haja quem tenha abusado? De modo nenhum. O caso dos chapeleiros, por exemplo, parece-me que tem de ser examinado com todo o cuidado».

Declara que não pode consentir que as actividades que se organizam vejam apenas os seus proprios interesses. Lutar-se-á contra os possiveis abusos.

O trigo e o vinho

A entrevista alude ao proteccionismo de certas culturas e produções. Lastima o sr. dr. Oliveira Salazar que nem todas as actividades a coberto da nossa politica pautal, «tenham aproveitado para melhorar os seus processos de fabrico, para produzir tão bem como as industrias estrangeiras». O chefe do Governo diz que por sentimento e por coerencia só gasta artigos nacionais. Depois diz acêrca do problema do pão:

«Considero o problema do pão muito mais grave do que o do vinho. Este ano devem sobrar do consumo geral do País trezentos milhões de quilos de trigo. Quere dizer: dez meses pelo menos de consumo no futuro ano serão abastecidos pela colheita anterior. A situação resultante desse facto inevitavel não pode deixar de ser gravissima, de tal importancia são os factores económicos e financeiros, que nela intervêm, sobretudo se a proxima colheita fôr abundante. Como remediá-la? Baixando á custa da lavoura da panificação e da moagem o preço do pão, para se lhe forçar o consumo? Mas daria uma pequena baixa os resultados desejados? Pela minha parte, cuido que não. Para que o barateamento do pão influisse no seu consumo seria preciso conseguir uma baixa sensivel e melhoria de qualidade. O problema está em estudo. Hão de encontrar-se fórmulas, que lhe atenuem a acuidade. Ninguem julgue, porém, que essas fórmulas venham despidas de sacrificios. Hão de acarretá-los. O que é preciso é distribui-los equitativamente».

Impostos municipais

Não concorda, em geral, com eles o chefe do Governo e ministro das Finanças. Cita casos. «A sobrecarga tributaria, resultante dos impostos municipais, suportada pelo país, é muito grande». Em varios casos trata-se de errada interpretação da lei 88, de 1913.

«Nem as matérias primas, que o Governo tem poupado o mais que tem podido, escapam ás alfandegas municipais. A Camara de Guimarães, por exemplo, tributa o algodão entrado no concelho para o trabalho das fabricas. Tenho, por mais duma vez, chamado a atenção para este estado de coisas, que não pode prolongar-se, indefinidamente, por não ser elastica a capacidade tributária da Nação. E espero que não demorarão as providencias necessarias para se acabar com situações anormais».

União Nacional

«O Governo não reconhece partidos. A filiação na União Nacional não é obrigatoria para ninguem, e é livre para toda a gente bem intencionada. Logo, todos os portugueses que quizerem associar-se á obra do Governo e colaborar com ele, o podem fazer, filiando-se no organismo que consubstancia a sua politica. E mesmo sem se filiarem, mas porque concordam, fundamentalmente, com a obra realizada, alguns têm bem servido a situação».

O Governo preocupa-se com a construção de casas para os pobres.

Imposto de sucessão

No Parlamento foi apresentado um projecto de lei abolindo o imposto sucessorio de pais para filhos; o desaparecimento desse imposto consolidaria a familia. Diz o sr. presidente do Conselho:

«Em primeiro lugar não compreendo como a extinção do imposto de sucessão de pais para filhos possa contribuir para fortalecer a instituição da familia. Para o que ela contribui inegavelmente é para que fiquem mais ricos os filhos dos que legam grandes fortunas. Eu ponho o problema de outra maneira. O imposto sucessorio não é simpatico nem economico porque devora o capital, empobrecendo, por consequencia, a Nação. Destroi em certos casos a organização economica familiar, podendo estancar fontes de trabalho, que eram a unica garantia de vida de familias inteiras. Tenho por mais de uma vez procurado soluções para este complicado caso fiscal. Confesso, porém, que ainda as não encontrei: E' que na importancia total arrecadada pelo Estado, proveniente do imposto sucessório, a parcela principalissima vem exactamente das transmissões de pais para filhos, apesar de as taxas respectivas serem as mais baixas O Estado não pode por ora dispensar as receitas arrecadadas pela aplicação do imposto de sucessão nessas transmissões».

Inquilinato

«Sem prejuizo da garantia da habitação e do comercio que o direito deve reconhecer e assegurar, é necessario fazer cessar situações anomalas e injustas derivadas de certas disposições da lei do inquilinato.

E' necessario impedir por exemplo que um inquilino rico espolie um senhorio pobre. Possuir uma casa nem sempre é sinónimo de se ser rico. Há inquilinos muito mais ricos que os seus senhorios e não hesitam em lhe aceitar uma assistencia de que não necessitam. Embora com todas as cautelas, e estando o problema hoje facilitado pela baixa das rendas, deve-se ir pensando em modificar as situações que a consciencia publica reputa cláramente injustas».

JULGAMENTO NA BOA HORA

Um roubo de livros

praticado na Casa Bertrand

No quarto Juizo Criminal, em audiencia colectiva, começou esta tarde o julgamento de Raul José da Silva Santos, José de Oliveira Vieira, Januario Augusto de Sousa Meneses e Antonio Maria da Piedade, implicados nos furtos de livros praticados na livraria Bertrand.

Presidiu o juiz sr. dr. Gomes Paulo, que tinha como adjuntos os srs. drs. Simão José e Nunes de Carvalho.

O sr. dr. Assunção Matos desempenhava as funções de delegado do Ministerio Publico. Na bancada da defesa estavam os advogados srs. drs. Mario Monteiro, Julião Serra Sarmento, antigo juiz, e Duarte Viveiros.

A acusação particular foi confiada ao sr. dr. Ramada Curto.

A livraria Bertrand estava representada pelo queixoso, o sr. Artur Brandão, que faz parte do conselho de administração daquele estabelecimento.

Na sala das sessões vêem-se muitos livreiros da praça de Lisboa.

Feita a chamada das testemunhas, compareceram vinte e nove de acusação e de defesa, faltando quatro de acusação e duas de defesa.

Foram apresentados alguns atestados medicos que justificaram a ausencia de outras pessoas que deviam depôr na audiencia. Uma testemunha foi multada, provisoriamente, em 150 escudos, no caso de não entregar, no prazo de cinco dias, o documento justificativo da sua falta.

Procedeu-se, depois á leitura da querela, na qual se discrimina a responsabilidade de cada réu. Segundo esse documento, Raul José da Silva Santos, empregado da Bertrand, subtraía livros daquela casa, e vendia-os, depois, ao seu co-réu José de Oliveira Vieira, gerente da livraria Avelar Machado. Este, por sua vez, promovia a revenda para o mercado do Brasil, por baixo preço, procedendo de igual modo em Lisboa e na provincia. Januario Augusto de Sousa, empregado do Avelar Machado, e Antonio Maria da Piedade, tambem empregado da Bertrand, de cumplicidade com o primeiro réu, conduziam os livros, num saco, daquele estabelecimento para a livraria Avelar Machado.

O processo faz apenas referencia a 30 mil escudos sob o valor dos roubos, em consequencia de não ter sido possivel, durante as investigações, precisar concretamente, o verdadeiro quantitativo dos roubos cometidos.

O sr. dr. Mario Monteiro, patrono do Avelar Machado, na sua contestação afirmou que o reu constituinte desconhecia, em absoluto, a proveniencia criminosa dos livros, e que está na disposição de indemnizar a firma queixosa de todos os prejuizos sofridos logo que a sua situação esteja devidamente esclarecida neste caso.

O sr. dr. Sena Sarmento, advogado do Januario Augusto de Sousa Menezes disse que este não teve cumplicidade no caso, pois se limitou a cumprir ordem do seu legitimo patrão, sem que suspeitasse que se tratava dum roubo.

O sr. dr. Duarte Viveiros, patrono dos acusados Raul da Silva Santos e Antonio Maria Piedade, declarou que ambos negavam a acusação contra eles formuladas e alegavam, em sua defesa, o bom comportamento anterior.

O sr. dr. Ramada Curto salientou, e foi confirmado por algumas testemunhas, que o Januario Augusto de Sousa Meneses havia sido empregado da livraria Bertrand.

O sr. dr. Gomes Paulo preguntou ao sr. Artur Barndão se desejava fazer quaisquer declarações para melhor elucidar os membros do tribunal que têm de apreciar o caso, fazendo nessa altura da audiencia o proprietario da livraria Bertrand uma circunstanciada exposição sobre as condições em que eram praticados os delitos que estão a ser julgados.

A audiencia prossegue á hora de fecharmos este relato.

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE»

No Coliseu

Hoje, ante-penultimo espectaculo, com o famoso Comitre e a atracção regional Alma Aragoneza. O delirio das multidões no Carnaval do Coliseu

Terminam já depois de amanhã os espectaculos, no Coliseu, do Comitre, o celebre «Homem dos Mil Misterios», que apresenta a cada instante novas surpresas magicas, em ambientes encantadores e com o mais comunicativo humorismo. A sua experiencia da mulher cortada em dois pedaços, inteiramente á vista do publico, arripia; outras alegram; outras deixam toda a gente assombrada. Alma Aragonesa, o famoso grupo regional, que faz tambem parte do programa deste sensacional espectaculo, apresenta os melhores cantadores, bailarinos e tocadores de Rondalla. Domingo: ultima *matinée* e despedida da companhia.

O entusiasmo com que muitas familias vêm adquirindo bilhetes para o grandiosos festejos do Carnaval do Coliseu, faz prever quatro dias de folia naquela majestosa casa de espectaculos, como nunca, decerto, houve em Lisboa. E tudo se conjuga para isso:—as ornamentações, os efeitos de luz, os hilariantes espectaculos com a grandiosa fantasia ««O Fim do Mundo» e surpresas de irresistivel comico, os monumentais e imponentes bailes, as encantadoras *matinées* e os bailes infantis e a alucinada folia e o deslumbramento que não têm rival em parte alguma. Continuam á venda os bilhetes para qualquer dos dias.

"A PREVIDENCIA PORTUGUESA"

(Associação de Socorros Mutuos)

COIMBRA

EDITOS

1.ª publicação

Tendo falecido em Lisboa, no Hospital Militar Principal, freguesia da Lapa, no dia 26 de Janeiro do corrente ano, o sr. Guilherme de Gouveia Nobre Coutinho, de 56 anos de idade, natural de S. João de Areias, concelho de Santa Comba Dão, sócio que foi n.º 3.690 de «A Previdencia Portuguesa», sem deixar declaração testamentaria para a entrega do subsidio com que se achava inscrito nesta Associação, são convocadas, para os devidos e legais efeitos, todas as pessoas que se julguem com direito ao referido subsidio a habilitarem-se perante a Direcção dentro do prazo de trinta dias a contar da segunda publicação destes.

Coimbra, 18 de Fevereiro de 1933

O Presidente da Direcção

a) *Antonio da Cunha Cardoso*

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º — Telefone 26519

DR. ARMANDO NARCISO—Medicina. Coração e pulmões—5 h.
DR. BERNARDO VILAR—Cirurgia geral. operações—5 h.
DR. MIGUEL DE MACHADO—Rins e vias urinarias—10 h.
DR. CORREIA DE FIGUEIREDO—Pele e sifilis—5 h.
DR. LOFF—Doenças nervosas. electroterapia 2 h.
DR. MARIO DE MATOS—Doenças dos olhos 2 h.
DR. MENDES BELLO—Estomago, figado e intestinos—3 h.
DR. FILIPE MANSO—Doenças das crianças—2 h.
DR. CASIMIRO AFONSO—Doenças das senhoras operações—2 h.
DR. FRANCISCO CALHEIROS—Garganta, nariz e ouvidos—4 h.
DR. ARMANDO LIMA—Bôca e dentes, protese—12 h.
DR. ALEN SALDANHA—Raio X—4 h.
ANALISES CLINICAS

ECONOMISE O SEU DINHEIRO

Machinas de Escrever

ROYAL

Acaba de chegar nova remessa de carrêto comercial e carrêtos grandes X 14, X 18 e X 20

DA

REGAL TYPEWRITER COMPANY, INC.

Não comprem sem consultar o Agente exclusivo para Portugal e Colonias,

A. S. MONTEIRO

RUA AUGUSTA, 219, 2.º **TELEFONE 2 7702**

A sala-restaurante do CAFÉ-«CHIC» tem conforto, asseio inexcedivel, não tem cheiro ou fumo e tem originalidade na iluminação.
—Porque a não visita V. Ex.ª?

Jolas genero antigo
para todos os gostos. Transforma-se em conta qualquer objecto.
PEIXOTO & JARDIM
14, R. da Palma, 14 Telef. 2 8582

Fabrica da Borracha Luso-Belga

de VICTOR C. CORDIER, Ld.ª **Rua do Assucar, 78 — LISBOA**

DEPOSITOS: Em Lisboa: Rua da Prata, 275-277 — No Porto: Rua das Flores, 136

EM PRETO **25$00** **a** **27$50** EM PRETO

Grande baixa de preços no calçado "Lusbel", MARCA **LUSBEL** simili-coiro

Sapato para senhora "Lusbel" Sapato para homem "Lusbel"

Engraxa-se como qualquer calçado de cabedal. Esc. 25$00 a Esc. 27$50. A' venda em todas as casas da especialidade.

FEIRA DE LEIPZIG.—PRIMAVERA DE 1935

PRINCIPIA NO DIA 3 DE MARÇO

Grandes abatimentos nos Caminhos de Ferro Allemães
Todas as informações dá o:

LEIPZIGER MESSAMT, LEIPZIG. (Allemanha)

ou o seu Representante Honorario:

A. SCHMIDT Praça dos Restauradores N.º 13 — Lisboa

Tel. 2.5757. Telegr: "Goma".

Leilão de Penhores

"A COMERCIAL"

18, Tr. da Trindade, 22 Tel. 2 5082

Recebem-se juros para o leilão do corrente mês.

Secretaria Judicial da 5.ª Vara de Lisboa

ANUNCIO

Pelo Juizo de Direito da 5.ª Vara da Comarca de Lisboa, Escrivão Leal Pena, se anuncia que por sentença de 21 de Janeiro de 1935, da qual não houve recurso, foi decretado o divorcio definitivo dos conjuges D. Clotilde Peres de Medina, moradora na avenida Almirante Reis, n.º 150, 3.º, esquerdo, e Antonio Henriques Cordeiro, morador que foi, na rua do Guarda Joias, 18 a Belem, e hoje ausente em parte incerta, ficando dissolvido o seu casamento para todos os efeitos legais.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Ernesto Nunes Lobo

ARMAZEM DE MOVEIS DO CALHARIZ
PAIXÃO, CARVALHO, L.da
26-L. DO CALHARIZ, 28
LISBOA
TEL. 23415

MOBILIAS DE ESCRITORIO, GENERO AMERICANO E EM TODOS os ESTILOS. Artes Decorativas
PAPEIS PINTADOS DESENHOS MODERNOS SEMPRE GRANDE STOCK
Cretones // Damascos // Veludos
Oleados // Carpetes // Pergamoides
MAPLES FABRICO ESMERADO NAS NOSSAS OFICINAS
ELEGANCIA · ARTE · BOM GOSTO
PREÇOS SEM COMPETENCIA
VISITEM A NOSSA EXPOSIÇÃO

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Cinco Lobitos».
Apolo—A's 20 e 30 e 22 e 45—«Zé dos Pacatos».
Avenida—A's 21 e 30—«Onde estás felicidade?».
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Viva a Folia!».
Variedades—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Nobre Povo».
Coliseu.—A's 21 e 30—Companhia de Variedades.

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 24.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Capitolio—A's 21
Royal-Cine—A's 21 e 15.
Palacio—A's 21 e 30.
Odéon—A's 21 e 15.
Jardim Cinema-21 e 30-Av. Alvares Cabral.
Sport Lisboa e Benfica—Secção cinematografica—Av. Gomes Pereira—Benfica.
Eden-Cinema—R. do Alvito, a Alcantara.
Paris Cinema—20,45—R. Domingos Sequeira.

Bacalhau Portuguez

de superior qualidade

PREÇOS DE VENDA

Refugo 2.ª	cada 60 kgs.	198$00
„ 1.ª	„ „ „	219$60
Miudo	„ „ „	232$00
Medio	„ „ „	238$00
Meão	„ „ „	244$00
Crescidos	„ „ „	254$00
Graudo	„ „ „	266$00

Descontos aos Revendedores.

Pedidos aos

ARMAZENS JOSÉ LUIZ DA COSTA & C.ª

R. S. Julião, 68-70, Lisboa

Telef. 2 8016 Teleg.-Zilus

Capristano & Ferreira-Bombarral

HORARIO DAS CARREIRAS DE AUTO-CARS

Carreira	Hora de partida
Lisboa—Leiria	7,00—14,30
Lisboa—Peniche	7,30—17,30
Lisboa—Nazaré—Alcobaça	8,30—16,30—18,30
Leiria—Lisboa	6,30—15,00
Alcobaça—Nazaré-Lisboa	6,30—10,00—14,30
Peniche—Lisboa	7,00—14,45
Peniche-Caldas da Rainha	9,00—15,30—19,30
Caldas da Rainha—Peniche	11,00—17,30—22,00

Com ligação em Leiria com a carreira do Porto
Lisboa—Porto ás 7,00
Porto—Lisboa » 7,40

Partidas de Lisboa: Largo de S. Domingos, 11 letra (Palacio Conde de Almada) TELEFONE 2 1003

Uma experiencia que todos ja têm feito sem querer:

Se uma pessoa está em casa com gripe, todas as outras a apanham tambem. Isso provêm dos bacilos da doença se propagarem pelo hálito, pela tosse e expectorações, pelos espirros dos doentes. Quem estiver ainda de boa saude pode evitar o contágio, aplicando um desinfectante de efeito comprovado contra os bacilos, mas que deve ser absolutamente inofensivo para o organismo. Correspondem a estas condições as

BAYER **PASTILHAS DE Panflavina**

que se apresentam sob a forma de pastilhas saborosas e se vendem em todas as farmacias.

Bebam a famosa
CANA IMPERIAL
á venda nos Cafés, Bars, Restaurantes, etc.
DEPOSITARIOS:
A. L. Simões & Pina Lda—Rua das Flores, 22
Tel. 29850

ESTRANGEIRO

Fitas e papeis chimicos
para maquinas de escrever
e reparações garantidas
— CASA ANÃO —
Rua dos Fanqueiros, 376-2.º
Telefone 2 8155

A mãi de Ricardo Hauptmann

pede perdão para o filho

KAMENZ, 22.—A mãi de Ricardo Hauptmann, que foi condenado á morte como autor do rapto e assassinio do bébé Lindbergh, continua activamente a fazer preparativos, a fim de embarcar para os Estados Unidos, onde vai pedir ao presidente Roosevelt a sua influencia para que seja comutada a pena a que foi condenado o seu filho.

A United Press conseguiu obter a copia da carta que a viuva Hauptmann enviou ha dias ao governador de Florida e na qual pede o perdão para o condenado á morte. Essa carta é assim redigida:

«Querido sr. governador:—Eu sou a mãi de Ricardo Hauptmann e é sinceramente triste e com o coração cruciado pela mais pungente das dôres que venho humildemente pedir-lhe que comute a dura pena a que foi injustamente condenado o querido filho da minha alma.

Ricardo não é mau como o julgam, sofre apenas as influencias e as consequencias nefastas da maldita guerra europeia para onde, muito novo ainda, foi atirado. Nessa odiosa e ignobil guerra perdi o meu marido e dois filhos. Tenho presentemente 70 anos e o meu fraco coração não resistirá se o meu filho fôr executado, porque é ele o unico élo que me prende a este mundo de perversidade e injustiça.

Estou certa, sr. governador, diz-me o meu coração de mãi, que o meu querido Ricardo não será electrocutado.

Tendes um filho, sr. governador? Avaliai, pois, bem qual seria a vossa dôr se ele fôsse condenado á morte. Sei que possuis um amantissimo coração de pai e é para ele, e não para o da autoridade austera que apelo. Peço a vossa clemencia para o meu infortunado filho. Deus recompensará o vosso humano gesto de perdão».—(United Press).

O regresso do ex-kaiser á Alemanha

não foi pedido por ele

DOORN (Holanda), 21.—O secretario particular do ex-kaiser declarou ao representante da United Press que ao contrario do que se disse na Imprensa estrangeira, o antigo imperador Guilherme II não tenciona por enquanto abandonar o castelo de Doorn para ir residir no seu pequeno castelo de Bad-Homberg, na Alemanha. Acrescentou que era da iniciativa propria do representante do ex-kaiser em Berlim o pedido que ontem fez ao governo alemão para que autorizasse o regresso á Alemanha de Guilherme II.—(United Press).

O divorcio Smith-Vanderbit

RENO (Estados Unidos), 22.—Foi decretado o divorcio entre a senhora Consuelo Vanderbit e seu marido, Carlos Smith.

A fortuna pessoal da senhora Vanderbilt é avaliada em mais de um milhão de dolares.—(United Press).

A TOSSE
é sempre instantaneamente aliviada
pelo uso das
Pastilhas VALDA
ANTISEPTICAS
Producto incomparavel
CONTRA
os Defluxos, Dôres de Garganta, Laryngites, Bronchites, Grippe, Asthma, Emphysema, etc.
Encontram-se em todas as Pharmacias e Drogarias
EM LATAS com o nome
VALDA
Representante H. REYNAUD
LISBOA

Director de jornal apunhalado

TOQUIO, 22.—Matsutaro Shoriki, director do jornal «Yomiuri», foi apunhalado por um dos filiados duma associação reaccionaria. O seu estado é grave. O agressor entregou-se á prisão. Este atentado é identico ao de que foi vitima Sanjimuto, director do jornal «Jiji». Parece que a causa do atentado se baseia no facto de Shoriki se ter recusado a dar uma subvenção áquela associação, que já anteriormente procurára ser subsidiada pelo jornal «Nichi-Nichi».—(Havas).

A SITUAÇÃO NA BULGARIA

Provocação ao chefe do Governo

SOFIA, 22.—Foi preso o antigo chefe socialista Pastoukhouff, por ter enviado ao presidente do Conselho, general Zlateff, uma exposição que se considera «provocadora» acêrca da situação politica da Bulgaria.—(Havas).

Condenados á morte

SOFIA, 22.—Foram condenados á morte 23 comunistas e um a 12 anos de prisão.—(Havas).

O almirante Byrd regressa

da expedição ao Polo Sul

NOVA YORK, 22.—O almirante Byrd, que chegou á Nova Zelandia, no «Jacob Ruppert», com alguns membros da sua expedição ao Polo Sul, prepara o seu regresso aos Estados Unidos. O grande explorador, apesar de ter estado um ano nas regiões geladas, mostra-se bem disposto. Estão a preparar-lhe uma recepção apoteotica. Como se sabe, Byrd tomou posse, em nome dos Estados Unidos, do vasto territorio entre a Terra de Marie Byrd e o Polo.—(Americana).

A CORRIDA DOS ARMAMENTOS

O poderio naval da França

PARIS, 22.—Anuncia-se que a França tem o proposito de mandar construir dois cruzadores de 35.000 toneladas cada um.

O ministro da Marinha, interrogado pelos jornalistas acêrca da construção dos novos cruzadores, declarou que o rearmamento da Alemanha obriga a França a fazer o mesmo. Acrescentou que começará imediatamente a construção do primeiro cruzador de 35.000 toneladas e que a do segundo começará em janeiro do ano de 1937.—(United Press).

Depois do plebiscito do Sarre

As despedidas do chefe da Policia

SARREBRUCK, 22.—O chefe da Policia do Sarre, major Hennessy, publicou o seguinte comunicado:

«Vou deixar o Sarre. Já estive para sair ha mais tempo, porque a minha posição aqui era insustentavel. Resolvi, porém, ficar, porque soube que certas pessoas desejavam atacar-me. Fiquei porque assim era preciso. Depois recebi uma carta de Heimburger, dizendo que eu deixara de merecer a confiança da Comissão do Governo. Essa carta foi retirada oficialmente.

O meu conflito com Heimburger provém da participação do chefe dos serviços do Interior numa conspiração dos partidos politicos e de certo numero de agentes da Policia que queriam provocar uma revolta no dia em que se conheceu o resultado do plebiscito. Julguei necessario fazer investigações a este respeito, mas elas foram proibidas. Antes de deixar o Sarre, não quero deixar de exprimir a minha gratidão pelo auxilio que recebi da população, a quem tive a honra de servir, num momento bem dificil para ela».—(Americana).

O contingente inglês chegou a Londres

LONDRES, 22.—O primeiro contingente de tropas britanicas que fez parte da Força Internacional do Sarre atravessou esta manhã as ruas de Londres a caminho da estação, onde tomará o comboio que o conduzirá a Essex. Durante o percurso e nas imediações da estação de Victoria, os soldados britanicos foram aclamados por uma multidão compacta.—(Havas).

A industria petrolifera

WASHINGTON, 22.—O secretario do Interior declarou que a industria petrolifera deve considerar-se um serviço publico e portanto sujeita á fiscalização do governo.—(Havas).

Os creditos gelados da Alemanha

BERLIM, 22.—Os creditos gelados estrangeiros, a curto prazo, foram prorrogados até 29 de fevereiro de 1936, por acôrdo entre devedores e credores. Os juros foram deminuidos.—(Americana).

RENOVADOR-RUTHER
Pelas suas propriedades tonificantes, córantes e antisépticas, é o produto ideal para a conservação da juventude do cabelo.
A' venda na Farmacia Portugal, Rua Augusta, 216.

POLITICA BRITANICA

Baldwin substitui MacDonald?

LONDRES, 22.—Nos circulos politicos fala-se na possibilidade de uma crise ministerial, e a atenção volta a incidir sobre Lloyd George e Churchill, como provaveis membros do futuro gabinete. Uma crise se pode ter como certa: o afastamento de MacDonald e a nomeação de Baldwin para primeiro ministro.—(Americana).

Um discurso de Baldwin

LONDRES, 22.—Durante o comicio organizado ontem em Chelsea pelo Partido Conservador, Baldwin prestou homenagem ao alto trabalho levado a cabo por sir Samuel Hoare a proposito da reforma constitucional da India. Referindo-se á politica interna, o lord presidente do Conselho declarou «que o governo tinha ainda, á sua frente, muito trabalho a fazer». Concluiu afirmando que «não haverá tão cedo eleições legislativas».—(Havas).

O desemprego na Italia

ROMA, 22.—No dia 1 deste mês havia em Italia registados oficialmente 1.011.711 desempregados, mais 50.006 que no começo do ano.—(Americana).

LOIRA OU MOREENA?

Como podeis ter agora uma pele branca deslumbrante e sem a menor mancha!

Eis aqui um meio facil e seguro para uma morena ter uma bonita pele branca e clara e para uma loira preservar a sua pele delicada das sardas, rugosidades e outras imperfeições. Quando o jasmim e a rosa deram aos perfumistas a essencia do seu perfume, ficou uma bela cêra, untuosa, que durante muito tempo se julgou sem valor. Visitando um laboratorio de destilação de perfumes um especialista de beleza parisiense bem conhecido, ficou admirado com a extraordinaria brancura leitosa da cára e das mãos das mulheres que manipulavam esta cêra residual. Descobriu-se então que esta cêra não embranquecia só a pele, mas tambem suprimia o excesso de pigmentação, fazendo assim desaparecer o aspecto terroso da tez, as sardas e as imperfeições que se manifestam no rosto.

Combinada com outros ingredientes preciosos que embelezam a tez pode-se procurar agora em todas as perfumarias e casas da especialidade sob o nome de "Cire Aseptine". Não encontrando dirija-se á Agencia Aseptine, (Secção D. L.) Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio. Comprai hoje mesmo um tubo e permiti-lhe tornar a vossa pele clara, fresca e rosada. O sucesso é garantido, de contrario o dinheiro ser-vos-á reembolsado.

SALDOS DE CALÇADO
DURANTE ESTE MEZ
Sapatos para creanças, desde..... Esc. 10$00
Sapatos para senhoras, desde..... Esc. 20$00
SAPATARIA CHIADO — R. Garrett, 98

Patente alemã

CONTRA AS
HEMORROIDAS
25 ANOS DE SUCESSO
INIGUALAVEL!
Representantes:
Estabelecimentos Herold, L.da
LISBOA — R. Douradores, 7

NOVIDADE LITERARIA
PATRIA ESQUECIDA
NOTAS E ESQUEMAS
por JOAO DE BARROS
Titulos de alguns capitulos: Missão Ocidental — Cesário Verde — Tragedia e Gloria de Antonio Patricio — O Povo na Literatura Portuguesa — Jornalismos e idealismos — Sentido Heroico do Lirismo Português
1 vol. br. Esc. 10$00; pelo correio, á cobrança, Esc. 11$50
A' venda nas livrarias—Pedidos á LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 — LISBOA

ODEON — PALACIO
A celebre produção-gigante
Ali-Bábá
e os 40 ladrões

ULTIMAS NOTICIAS

Bailes de Carnaval
Grande entusiasmo pelo Calçado de baile, d'homem e senhora que está a venda na:
Sap. Inglesa Lt.ª
R. Prata, 180
Sap. Lhame nos mais recentes modelos a 80 e 85$00.

ESTÁ AFASTADO O PERIGO

dum conflito entre a Romenia e a Hungria

BUDAPESTE, fevereiro.—Como consequencias dos acôrdos de Roma a Romenia considera que, pelo menos por agora, se tenha afastado o perigo de um conflito com a Hungria. O que porém ainda se não pôde encontrar foi uma solução para o problema revisionista, que é de vital importancia para a paz na região do Danubio. Tanto a revisionista Hungria, como a anti-revisionista Pequena Entente continuam a manter as suas posições; encontram-se de mãos atadas, em consequencia dos acôrdos de Roma. A Romenia vive numa situação um pouco tensa com a Polonia, embora esteja ligada a este país por alianças formais.

As relações entre a Polonia e a Romania dependem principalmente do resultado das negociações franco-polacas sobre o Locarno Oriental, porque a Romania participa dos pontos de vista da França. Contrariamente ao que se esperava, não se fez nenhum progresso para uma maior aproximação com a Bulgaria, apesar de haver deminuido a tensão que existia entre os dois países, em consequencia dos acôrdos economicos negociados no outuno passado. No que se refere á situação da Romania existe entre os politicos mais destacados um sério receio de influencias extra-constitucionais sobre a coroa, receios estes que têm transparecido na opinião publica em geral. E' dificil afirmar se as decisões do rei Carol são ou não influenciadas por determinados meios irresponsaveis. O certo é que as autoridades procuram combater os rumores inquietantes, sem terem conseguido grandes resultados.

A situação na industria particular é quasi satisfatoria. Os camponeses, por sua parte, apesar das más colheitas consecutivas, têm poucos motivos para estar descontentes, em vista das facilidades concedidas quanto ao pagamento dos impostos. O orçamento encerrar-se-á em 31 de março, fim do ano fiscal, com um *déficit* de dois milhões.

Práticamente esgotaram-se todos os recursos visiveis para cobrir os *déficits* anteriores.

Para remediar a situação fala-se da criação de novos monopolios, mas que não oferecerão, na melhor das hipoteses, receitas imediatas. Projecta-se tambem a elevação dos impostos, mas a experiencia demonstrou que sempre que aumentam os impostos sobre o consumidor as consequencias são as fraudes proprcionadas que deminuem, inevitavelmente, as receitas. Apesar das medidas radicais adoptadas para reduzir as importações do estrangeiro, estas aumentaram durante 1934, com respeito a 1933, acumulando-se novas dividas que se elevam a 14 biliões de «leis» no estrangeiro.

Segundo os tecnicos, não é possivel adoptar novas reduções das importações sem grave prejuizo para o desenvolvimento cultural e social da nação. Mas tambem é evidente que a Romania não pode exportar em quantidades suficientes para cobrir com moeda estrangeira que obtenha as dividas das suas aquisições no estrangeiro. Por isso, são muito importantes as questões que o primeiro ministro sr. Mataresco tem que resolver. E' possivel que se não puder encontrar uma solução para a situação se veja obrigado a demitir-se, o que tambem não seria uma solução para o problema.—(United Press).

As penas de morte em Espanha

O Centro Republicano Espanhol resolveu enviar ao sr. Alcalá Zamora uma mensagem em que se pede clemencia para os condenados a pena ultima.

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

OS ACORDOS DE LONDRES

Sir John Simon irá a Berlim e visitará depois Moscovo?

LONDRES, 22.—Embora não haja por enquanto nenhuma comunicação oficial a tal respeito, os jornais desta manhã lembram a conveniencia dum ministro inglês, de preferencia sir John Simon, visitar, não só Berlim, como tambem Moscovo e outras capitais da Europa «com o fim de discutir pessoalmente as propostas de apaziguamento da Europa conforme o estabelecido no comunicado franco-britanico de 3 de fevereiro».

Esta idéa, primeiramente exposta no «Times» e no «Daily Telegraph», foi bem acolhida por todos os sectores da opinião publica. Assim, o «Daily Herald» diz estar convencido de que sir John Simon irá a Berlim discutir as propostas contidas no comunicado de Londres e afirma que tanto Hitler como os seus colaboradores mais proximos não tratarão de limitar as conversações a uma simples troca de pontos de vista acêrca da convenção aerea, como já se insinuou.

«Além disso—escreve o «Daily Herald»—a opinião publica alemã está absolutamente convencida de que se sir John Simon aproveita a sua viagem a Berlim para no seu regresso trocar impressões com outros governos da Europa, é porque a Gran-Bretanha deseja discutir todos os problemas de mutuo interesse. A segurança no Oriente da Europa é tão necessaria como a do Ocidente, e assim a visita a Moscovo após a visita de Berlim é o caminho que a logica e a inteligencia indicam».

O «News Cronicle» diz que a visita de sir John Simon a Moscovo parece ser de grande oportunidade.—«Hitler—escreve o mesmo orgão—que tão realista se tem mostrado em materia de politica externa, deve certamente ter algumas propostas a fazer no que diz respeito á estabilidade na situação da Europa oriental. Essas propostas podem muito bem não ser aceitaveis para o governo sovietico, mas nesse caso a Gran Bretanha pode bem agir como medianeira em tão delicado problema».—(Havas).

A missão financeira do Brasil

foi recebida por Jorge V

LONDRES, 22—O rei Jorge V, recebeu em audiencia particular, no Palacio de Buckingham, o ministro das Finanças do Brasil, sr. dr. Sousa Costa, presidente da missão financeira brasileira que se encontra há dias nesta capital.

O critico financeiro do «Daily Telegraph» falando das actividades feitas, em Londres, pela missão financeira brasileira diz que é inevitavel que, durante as conversações decorrentes anglo-brasileiras, surja o complicado caso da divida externa brasileira que não foi arrumado convenientemente. Termina por dizer o referido critico que, enquanto esse assunto não fôr resolvido como deve ser, é quasi certo que a missão financeira brasileira não conseguirá obter na praça de Londres o emprestimo de vinte e um milhões de dolares que não conseguiu realizar nos Estados Unidos.—(United Press).

Hipodromo destruido pelo fogo

NOVA ORLEANS, 22.—Um violento incendio destruiu o hipodromo desta cidade.

Morreram carbonizados 23 cavalos de fina casta. Os prejuizos causados pelo fogo são importantes.—(U. P.)

O CONFLITO ITALO-ETIOPE

A Italia deseja a paz mas não está desprevenida

ROMA, 22.—O comunicado fornecido á Imprensa pela comissão delegada do Supremo Conselho de Defesa Nacional constitui um aviso aos perturbadores da paz. A «Gazetta del Popolo» escreve: «A situação internacional apresenta elementos de incerteza em face dos quais é preciso erguer-se um elemento certo: o conhecimento de que a Italia está pronta para qualquer eventualidade. A Italia fascista é um factor de equilibrio, moderação, paz e colaboração. A boa vontade da Italia não basta porém para resolver todas as questões. Por isso é que se devem encarar todas as eventualidades. Não existe nenhum perigo iminente, mas é bom que se saiba que se surgir qualquer perigo, a Italia não será colhida de surpresa».—(Havas).

Mais tropas para Africa

NAPOLES, 22.—O navio «Vulcanio» partirá esta noite para a Africa oriental, levando a bordo 400 operarios especializados, e 700 soldados de engenharia, serviços sanitarios, etc. Em Messina, o «Vulcanio» receberá mil homens. No mesmo vapor seguirá o general Graziani, comandante chefe do corpo expedicionario. Este oficial é o mais novo e o mais condecorado dos generais italianos. Foi o pacificador da Cirenaica, dirigiu as operações de Sazzan e fez a ocupação do oasis de Koufra.—(Havas).

Comentarios da Imprensa italiana

ROMA, 22.—A «Tribuna», a proposito do comunicado da delegação do Conselho Supremo de Defesa Nacional, escreve: «A guerra não é uma hipotese, mas uma realidade. Uma nação, para ser digna deste nome, deve encará-la como presente e viva na sua possibilidade continua». O mesmo jornal acrescenta que as nações, ao aceitarem essa realidade virilmente, «reduzem as probabilidades de guerra, em vez de as aumentarem», porquanto uma guerra «tem maior probabilidades de exito» quando se conta com a surpresa.

A «Revista Italiana» declara que as providencias tomadas se justificam amplamente. «Dada—escreve—a psicologia primitiva dos abexins, a concentração de forças italianas nas colonias de Africa Oriental é o meio mais eficaz para impedir os eventuais ataques por parte dos irregulares abexins e tambem para persuadir o governo etiope a pôr termo a todas as tergiversações e a negociar seriamente com a Italia, reconhecendo-lhe os seus interesses e direitos».—(Havas).

Os indígenas provocam tumultos

numa cidade argelina

PARIS, 22.—O «Matin» publica uma comunicação de Bône relatando um incidente bastante grave que se deu no Ued de Zenatu, cidade situada entre Constantina e Guelma. Espalhou-se ali o boato de que um dos indigenas fôra preso e maltratado na prisão pelos agentes. Cêrca de 400 arabes formaram cortejo e foram ao comissariado, onde fizeram uma violenta manifestação contra o comissario e os agentes. Começaram por apedrejar o Comissariado e depois tomaram-no de assalto. Em vista da gravidade que os acontecimentos estavam a tomar, o comissario mandou pôr em liberdade o indigena. Seguem para Zenatu forças de Policia e procede-se activamente a um inquerito.—(Havas).

Roosevelt resolve promover

o aumento do consumo do peixe entre os seus compatriotas

WASHINGTON, 22.—O presidente Roosevelt encarregou Bernard Macfadden, ex-professor de Cultura Fisica, de lançar uma campanha de propaganda nacional destinada a promover o aumento do consumo do peixe. Macfadden, que strá nomeado membro do Conselho Consultivo do Departamento do comercio, vai percorrer o país á frente dum grupo de lindas mulheres que demonstrarão «de visu», ás populações do interior, os efeitos beneficos sob o ponto de vista higienico e estetico do consumo do peixe. A este respeito o Departamento do Comercio frisou, num comunicado, que o peixe deve completar, nunca suplantar, a alimentação carnivora. Os americanos consomem actualmente por ano uma média de 15 libras (peso) de peixe e por pessoa, ao passo que os japoneses consomem 55 e os suecos 50.—(Havas).

Assassinio dum rico industrial

PAWNEE (Estado de Oklahoma), 22. — Foi assassinado, na sua residencia, o rico industrial Richard Betty que contava 58 anos de idade. O mobil do crime foi o roubo.

Da residencia do assassinado desapareceram importantes valores constituidos por dinheiro, joias e papeis de credito.

O «sheriff» ordenou a mobilização de uma brigada especial de agentes para tratar do caso que emocionou grandemente todos os habitantes da pacata cidade de Pawnee. — (United Press).

A agitação politica em Cuba

A gréve dos professores e estudantes

HAVIANA, 22. — O «comité» grevista dos professores declarou que presentemente se encontram em greve em toda a ilha mais de 250.000 estudantes.

O corpo docente das Universidades cubana resolveu apoiar e aderir á greve dos estudantes, que marca bem a repulsa intelectual contra as prepotencias exercidas de ha muito em Cuba pelo presidente Mendieta e pelo coronel Baptista. — (United Press).

ASSEMBLEIA NACIONAL

A sessão de hoje da Assembleia Nacional, para discussão dos diplomas governamentais sobre a questão vinicola, acompanhados do parecer da Camara Corporativa, principiou depois das 16 horas.

Nas galerias encontravam-se mais de mil pessoas, entre as quais predominavam elementos de todas as regiões do país interessadas na resolução do assunto que se vai debater.

CONFERENCIAS

Hoje, ás 21 e 30, na Universidade Popular Portuguesa, rua Luiz Derouet, o sr. dr. Camara Reis realiza um serão literario, fazendo a leitura e comentario de trechos de Emilio Zola. A entrada é livre.

—A Secção Cultural de Associação Escolar do Liceu Normal de Lisboa (Pedro Nunes) promove mais uma conferencia amanhã, sabado, ás 18 e 30, em que o professor da Universidade do Porto, sr. dr. Mendes Correia, falará de *A prehistoria na Europa Ocidental*.

A palestra será ilustrada com projecções de estampas e dispositivos.

Evite a queda do cabelo usando o
PETROLEO QUIMICO NALLY

ARCADIA
HERMANAS TORRES
HOJE: em pleno exito, a celebre orquestra Vienense — BOBBY SAX — FRED TRINSHER e as formosas vedetas hespanholas
Amanhã — Grande Baile de Mascaras com estreia das eximias intrepretes do French-Caucan — TRIO FLOWER
ORQUESTRAS BOBBY SAX e PORTUGAL

MAXIM'S
Hoje — 6.ª feira, 22
Estreia das bailarinas russas SISTERS ASTROFF
Amanhã — Sabado Magro
GRANDE BAILE DE MASCARAS
2 Orquestras — Variedades

SEXTA-FEIRA, 22 DE FEVEREIRO DE 1935

Diario de Lisbôa

Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

RONALD DE CARVALHO

UM POETA QUE MORRE

RONALD DE CARVALHO

Os elementos esteticos da sua obra

Sob o signo de um passado extinto, evoco, na hora dolorosa da morte de Ronald e Carvalho, o doce convivio de três anos seguidos com o poeta, em terras longinquas do Brasil.

Decorreram já duas dezenas de anos, e é como se fôra ontem, como se não houvera tempo perdido, a deplorar—esquecida a alma do seu transito quotidiano—que o revivo e recomponho sob o apelo humano de uma secreta e viva amargura.

Eram-nos então homens de pouco mais de 20 anos, Criára o nosso encontro, desde as primeiras horas de convivio, um ritmo de reciprococidade espiritual, uma identidade subjectiva nos anhelos mutuos, um elo fraterno que nos unia na prefiguração ideal do mesmo mundo de beleza.

Ah! ainda relembro esse rumorejar de sonhos, essa fosforecencia de anseios, esse espraiado murmurio de palavras, extintas—a trama sensivel do apelo á ilusão—que ambos, noite fóra, na casa familiar e hospitaleira de Copacabana, teciamos, absortos em nossos rumos interiores.

Era nessas noites dos tropicos, ceus fundos, abobadados, massa calma de silencios; um lacteo, aereo sulco estrelado, guiava o poiso dos nossos olhos, o aproar inquieto da nossa ansiedade do desconhecido.

Ah! ainda vos recordo, mundos de ouro, ancoradouros do ceu! Era a hora em que a alma sucumbe ao fardo do seu dia morto, e em que do sono das coisas, do concavo silencio da vida, uma onda fluida se descerra, recriando uma super-atmosfera envolvente, um sub-entendimento espiritual, uma emanação mais viva da inteligencia até a alma ganhar aquela nervosa lucidez que reclama a adesão de todas as faculdades do espirito.

Era nessa atmosfera inquieta, exaustiva, aderente, que Ronald surpreendia, evadido de si mesmo, trasbordando a sua personalidade, ampliando contornos, vivendo as grandes linhas do seu ideario humano. Nesses longos serões, a conversa tinha para Ronald o sentido dum descobrimento continuo buscando a palavra mais rara o vocabulo sonoro, o detalhe preciso, o acessorio brilhante na inserção do mundo conjectural da sua fantasia. Discursava, teorisava, divagava, no seu estilo particular,—o seu estilo *heroico*—onde a alegoria, a *suite* de imagens, o poder evocatorio, certo deslumbramento musical das palavras,—no seu aspecto essencialmente formal—nos davam a impressão de se travar uma ardua batalha, *de dentro para fóra,* como quem procura dominar, sujeitar, ultrapassar as resistencias virtuais do verbo buscando, para a imaginação, uma respiração mais ampla, a devolução mais exacta do seu clima interior, da sua naturez.. de artista.

Ronald insinuava-nos um mundo de legenda, um país projectado na voz do preterito e do longinquo, fixado no plano furtivo da sua imaginação onde o maravilhoso transcendia o real, circulo de fabula, centro da acção onde ele vivia, dominava, perduravа, dando-nos pelos dons da graça exquisita da sua bonhomia maliciosa, do seu complexo de ingenua candura, a sugestão de um mundo aligero, saboroso e dormente, redutivel a um canto magico de Perrault.

Ora, em Ronald, havia entre o artista e a pessoa humana, uma intima analogia, um perfeito contacto, do que resultava, quer nas suas relações sociais, ou entre amigos, uma fina transparencia da sua delicadeza espiritual o doce acento de uma estranha simpatia.

Conheci-o, tinha ele regressado de uma longa estadia pela Europa, nesse dealbar do *avant-guerre,* saturado do bulicio nostalgico e dos mestres da latitude intelectual de Paris, daqueles, bem entendido, que se tinham alinhado na ala do movimento simbolista francês.

Aspirára, nesse clima, conturbado e ancioso a flor promissora da mensagem simbolista,—a poucos passos ainda da sua radiosa emigração para o mundo,—aceitando dela os dados da experiencia com que modelou a sua poesia e a voz essencial da sua modernidade.

Data dessa época a gestação, o plano, *in mente,* da fundação de uma revista eclética, repositorio vivo, documentario incisivo dos varios modos de ser dos anceios das curiosidades estéticas da gente nova, de ritmo indipendente e livre, unanimes no repudio das fórmulas triviais e gastas, revista esta que mais tarde eu batisei com o titulo de Orpheu, de trilho escandaloso e efeitos violentos, a cuja direcção pertencemos eu e Ronald, e seguidamente os nomes queridos de Sá Carneiro e Fernando Pessoa.

Um incidente circunstancial na biografia de Ronald, mas indispensavel para o conhecimento da sua filiação literaria, das suas ligações com as tendencias da literatura europeia dessa época. Em Orpheu colaborou ele com um feixe admiravel de poesias, a que se seguiram outras publicadas na «Aguia», umas e outras ainda feitas sob a adesão do pensamento poetico subordinado aos canons da escola simbolista, passo intermedio, fulguração radiosa entre o neo-parnasianismo da «Luz Gloriosa» e a lirica dos «Poemas e Canções» e o conceitualismo dos Epigramas Irónicas e Sentimentais».

Subsistem nestas três obras, nestes três momentos especificos do seu caso poético, ainda que em gradações, os três principais elementos esteticos da sua obra: o vago, o irreal e o *heroico.*

A sua consciencia bem como o seu sonho elevavam-se para além das limitados horizontes da vida. Calou-se, porém, subita, a sua voz extranha.

Deste poeta se pode dizer o que Fernando Pessoa disse de Sá Carneiro: «morre jovem o que os Deuses amam».

Poderá objectar-se que a juventude deste poeta atingira já a maturidade do espirito, no transito recolhido e seguro dos 40 anos.

Que importa! Não morre a sua juventude quem como ele viveu o amor, a vida e a Beleza.

LUIS DE MONTALVOR

Vitral cinzento

Vê toda esta esta ansiedade e toda esta tortura
foram morrer dentro de mim sem um gemido.
Hora de ouro e de sol, a Vida fêl-a escura,
e agora, o meu jardim deserto, desflorido.

Tudo passou por nós... tudo passou, procura
no outono deste olhar o mais aureo sentido,
e verás a ansiedade e verás a tortura
e o meu coração como um canal esquecido...

E tu fôste depois para a insomne alegria
de viver, de semear por todas as estradas
a gloria do teu canto, o ouro da tua Vida,

e eu fiquei para amar mãos senis, alma fria,
aguas-mortas, jardins langues, torres fechadas
e a nostalgia exul de uma patria perdida...

Canção do ultimo adeus

Ergo a lampada no ar como uma rosa aberta
e o Silencio se faz maior para acolhê-la
na luz morta a sangrar pela sala deserta
onde um perfume antigo emmudeceu, perdido.

Sobre a janela, ao luar que desce dolorido,
um lenço anda a dizer adeus para uma estrela.

Roça por minhas mãos a asa de um beijo extinto.

Minha alma enlouqueceu; em longes de Memoria
anda a chamar por mim com uma taça de absinto
e embriagada de azul dá de beber á Gloria...

Sinto a sombra fechar uma porta esquecida:
a sombra é a voz do Além a interrogar a Vida.

Treme de só, na rua, um reverbero doente.
Reflecte-se. E' Narciso a olhar pela vidraça
—feito chama e clarão—toda a Vida que passa
e que nunca parou, triste, na sua frente.

Tu não voltas, é certo; a estrada não se turva
da poeira que o teu passo um dia levantou
naquela curva que é um soluço, amarga curva
onde a tua canção ascendeu e gelou...

Na luz morta a sangrar pela sala deserta
minha alma volta a abrir os olhos de quimera.
Vem bebeda de azul contar-me seus Destinos.
Na agua-lustral de um tanque ha um rimto de violinos
e sobre a opala de um punhal que eterno espera
ergo a lampada então como uma rosa aberta.

RONALD DE CARVALHO

MCMXIII

ESTE SUPLEMENTO NÃO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

O barro e o sôpro que o anima

por JOAQUIM MANSO

Os que morrem não levam consigo, mas antes confirmam as esperanças dos que ficam—**Pindaro**

A porta abriu-se e a figura grave do Asceta apareceu lentamente, recortando-se, na luz branda e fosca do fim da tarde, como Jesus na casa silente de Lazaro. Era um velho sem fadiga nem velhice, de labios cerrados e finos, curvado pelo habito de meditar baixando a fronte, a cabeça embranquecida, não pelo tempo, mas pelo vencimento trabalhoso da paixão e do desejo.

Demetrio, que o não esperava, entreabriu os olhos queimados pela febre, parou-os na interrogação do desconhecido, estremeçuê num impreciso pensamento de revolta, preguntando com imperceptivel rubor de colera:

—A que vindes? Quem vos mandou?...

Cansado do esforço despendido, respirou com mais dificuldade, tossindo fundo, num abalo de todo o seu peito que se desfazia, como tábua batida entre duas vagas.

—Não te assustes com a minha presença nem com o enigma da minha vinda. Ninguem me chamou, mas sei que careces de mim. Talvez melhor. carecemos um do outro.

Estas palavras não perturbaram o enfermo cujo corpo se perdia no amplo leito onde o relevo da sua forma mal se desenhava, sob as dobras mortificadas da colcha branca e pendente.

Quantos anos tinha? Pouco mais de vinte—acusados prontamente na palidez limpida que o olhar iluminava com o seu clarão de brasa que ardia num turibulo.

—Meu Deus, porque não pouspaste a esperança que trazia no meu ser disposta ao amor e ao sacrificio?

Herdeiro dum sangue remoto e orgulhoso, imaginava que fôra vitima duma cilada urdida pelo Destino:

—Que mal fiz eu, para que tamanho golpe me ferisse, no momento em que erguia as mãos para colher o fruto dos meus juvenis atrevimentos?

A aflita mãi sorria-lhe com a tristesa imensa do seu coração desolado e ele, compreendendo-lhe a tortura que se fazia velada e suave, animava-a:

—Isto ha-de melhorar. Deixa vir a primavera e verás que, com as primeiras rosas do jardim, tornarei a ser quem fui.

—Pois sim, meu filho, lembra-te de que teu avô chegou aos oitenta anos, apesar dos medicos que o condenavam a morrer aos trinta...

—E a Maria da Graça não estava já sacramentada e desiludida, quando certa manhã lhe veio um frescor ás faces e uma firme confiança na Senhora da Scledade? A mãi de Deus pode muito!...

—Eu e tua prima Dulce rezamos tanto por ti que as nossas preces não devem ser esquecidas.

—Porque não vem ela mais vezes para junto de mim? Receia, acaso, que a doença se pegue?

—Coitadinha! é um anjo que só vive por ti e para ti. Por sua vontade, não arredaria pé deste quarto. Mas, como sabes, tambem tem doentes na sua casa de que ela é a flor e a providencia.

—Desculpa se alguma vez sou injusto, mas tenho imaginações que me aterram. Receio que se convença de que nunca mais me levantarei desta cama. Que pavor!

Nesta altura, o dialogo interrompia-se, porque os dois, a mãi e o filho, caiam nos braços um do outro, agarrando-se, á semelhança de raizes que, debaixo da terra, se buscam e estreitam, por laços apertadissimos. Corriam lagrimas que se enxugavam com beijos de mortal saudade—beijos em que se misturavam os bens da terra com os do ceu.

—No fim de contas, meu Demetrio, nós estamos a fazer uma cena absurda—como no teatro onde se representam melodramas para abusar da credulidade do povo. Chorar, para quê? Nem tu estás em perigo nem eu tenho penas na alma...

—E' verdade, mãisinha, exageramos os nossos sentimentos. Antigo defeito da nossa familia que costuma cultivar os seus desgostos para avultar as suas penitencias. Afasta os cortinados da janela e deixa-me entrar o sol. Viva o sol que é o grande amigo das paisagens e dos namorados!

Era assim que se iam iludindo —a mãi para ser forte no desamparo e o filho para calar a voz que de longe lhe bradava:

—Meu querido, um outro amor, no hemisferio de Salamite!

Avançando para Demetrio, com passos que não produziam som, o Asceta abeirou-se dele e, após um momento de silencio, falou, nestes termos:

—Hesitei, antes de vir, julgando que as consolações humanas te são indiferentes. Hoje decidime, porventura impelido por uma vontade mais poderosa que a minha. Deus move os mundos e os corações, sem que nós suspeitemos dos seus designios.

—Bem se vê que eu seu alvo da sua infinita bondade. Deus mata-me, a fim de me colocar entre os pagens do seu trono. Preferiria que me largasse do seu cuidado, para eu, como os cardos e os vermes, pairar fora do alcance da sua tão amorosa solicitude.

Enquanto desabafava, Demetrio entrara num tremor, cheio de irritação e amargura, como se pretendesse justiçar o Criador na obra da Criação. O seu enorme ressentimento resumia-se nisto:

—Que monstruosa crueldade me trouxe á vida para dela me separar, quando eu palpitava no ardor e na promesa dum lindo porvir?

—As razões dos homens não podem remodelar o universo nem as leis que o regem. A tua carne dolorida e insofrida grita e protesta, sem que os ecos te respondam. O grão de areia, nas estradas, é pisado pelos caminhantes e dos seus queixumes não resta memoria.

—Mas é isso precisamente que me magôa! Guardo dentro de mim o universo em promessas enganosas e recebo fora de mim o escarneo dum poder inclemente. Que crime cometi eu? Que sombra existe no meu animo que me entrega á morte, sem ser ouvido?

—Tu consideras invencivel o grão de areia e tomas um segundo pela eternidade. Não te procurei pera debater um problema nem sequer para abordar um caso dificil. Mais terra a terra, trocarei contigo as minhas certezas, recebendo as tuas duvidas, de modo a livrar-te da prisão em que te debates.

Sentou-se o ancião que, espraiando a vista pelo espaçoso aposento, fixou demoradamente um Cristo que, pregado na Cruz, oferecia o seu exemplo á miseria universal.

—Deus não gosa com a dôr humana que se instalou na terra, por culpa nossa. Quere que o mereçamos e não que o temamos. O sofrimento é uma lembrança perene para a nossa precaria fraqueza e para a nossa ansia de perfeição.

—Tudo isso me ensinaram, desde o catecismo, mas a triste realidade que me punge é esta—porque não atende Deus as suplicas que lhe dirijo?

—Quem te disse que ele é surdo e insensivel? O facto de eu transpôr aquela porta não carece de significação. Porque vim ter aqui?

—Sois então um mensageiro divino! Sêde benvindo e tdmirai em mim os efeitos salutares da graça salvadora.

—A ironia é um gesto infeliz da desgraça ou da pobresa orgulhosa, meu amado Demetrio. Não te rias de mim, que me reputo sem meritos para a honra que me atribues. Deus, na sua sabedoria, escolhe os miseros como eu, para ajudar os transviados a regressar ao bom caminho. Não me fez qualquer revelação, pois se limitou a mover-me, no sentido das suas intenções.

—Quanto eu vos agradeceria, se me respondesseis á seguinte pregunta:—Que posso eu esperar para além da morte?

—Não sejas impaciente nem ambicioso: a morte é um acto de fé humilde ou um epitafio sobre o nada. Os da tua raça bateram-se nas batalhas da Patria ou pecaram, rendendo-se ás tentações do Demonio. Agora cabe-te resolver quais dos teus maiores vão servir-te de guia.

—Embora eu não passe de perecivel vergontea numa serie de gastas gerações, declaro que desejo pertencer aos mais dignos.

—Eis que te despertas de fundo torpor! Deus oferece-te um imperio. Como conquistá-lo? Só ha um meio—confiar-te á sua clemencia, na sinceridade da tua angustia.

—Mas tantos laços me ligam a castas afeições e a futuros projectos de grandeza...

—Todos os tesouros da fortuna se desfazem em fumo, perante o perdão que Deus concede ás nossas culpas. Que tudo se confunda na cinza e no pó, contanto que a morte nos não mate.

—Da minha mocidade, onde acharei o abrigo?

—A mocidade acha-se mais proxima de Deus que nenhuma outra idade, sobretudo quando ainda ignora os venenos que corrompem e as acções que deslustram. A' medida que vamos andando pela existencia fóra acontece-nos o mesmo que ás aguas das correntes que se turvam com o crescer da invernia. Não resistas á tua estrela: Deus clama por ti, sendo obrigação tua corresponder ao apêlo que te lançou da imensidade.

—Convidas-me a morrer em paz... E' tão cêdo!

—A felicidade não gira como o pendulo que vai e vem de um lado para o outro. Entremostra-se na hora propria. Quem a evita, opondo o peso da materia á liberdade do espirito, vota-se ás trevas fatais. Deus põe nos nossos peitos a saudade—não para boiarmos no Mar Morto, como nau sem rumo, mas para nos orientarmos na procela, demandando avisadamente o porto.

—A saudade é para os que se vão ou para os que ficam?

—Para os que ficam e para os que se vão, visto que nela a eternidade se faz tempo e o tempo eternidade.

—Terei a meu lado minha santa mãi e a minha nunca esquecida Dulce?

—No amor e na ventura de Deus não ha muros nem exilios: as vidas, como as constelações, atravessam os espaços unindo-se na proporção em que são puros e verdadeiros os elos que as prenderam segundo a inspiração de Jesus. O que o bem atou nunca mais se desata: Deus congrega e não dispersa os seus eleitos.

Demetrio, que parecia adormecido, voltou a si e, na contemplação dum reino longinquo, suspirou:

—Tanto me tardas que me canso já de esperar...

21—II—1935.

JOAQUIM MANSO

"Recordação do meu país" — *Gravura em madeira de F. Masereel.*

Critica literaria

"Beijos de Amor„
—por João Guimarães

E' um volumezinho de versos de um poeta brasileiro. Afranio Peixoto, grande nome das letras brasileiras, prefaciou a primeira edição.

Não é por este conjunto de poesias que o talento poetico do autor se firmará.

Algumas poesias, contudo, lêm-se sem enfado, numa maneira simples, sem preocupações de renovação nem grandes extases literarios. Por vezes adivinha-se a influencia de Guilherme de Almeida:

«O perfume flutua... O ar inebria,
Como na dansa.
O céu azul, sereno, se irradia
Duma alegria
Ingenua, de criança,
E absorve-a no seu encanto, na sua graça,
Quando ella passa...».

Mas nota-se tambem um certo sentido literario de um lirismo muito brasileiro, e agradavel de seguir, no dizer brando:

«Estou com uma saudade,
Com uma saudade immensa de você...

Do seu beijo de amor — serenidade...
Dos seus olhos de sonho e de ternura,
Que dizem o porque
Dessa enorme saudade
De você...

Canta no ar uma loucura,
Que eu mesmo não sei de que...

Aroma de felicidade
Quando perto de você...».

Edição «Artes Graficas» de S Paulo.

Obras da Biblioteca Nacional

A Biblioteca Nacional de Lisboa editou ha dias as «Ementas de Habilitações de Ordens Militares nos principios do seculo XVII — Subsidios para a investigação historica em Portugal», ementas que se encontram na miscelanea que constitui o Codice 1335 do Fundo Geral de Manuscritos da Biblioteca, e tem indiscutivel valor historico.

Saiu tambem o tomo I da «Gazeta em forma de Carta, por José Soares da Silva» (1701 a 1706), um inédito de enorme interesse, curiosissimo pela soma de subsidios — quantos deles novos! — que nele se contem, «pela luz que jorra sobre a vida social de Lisboa setecentista» — diz o ilustre director da Biblioteca Nacional, sr. D. da Costa Veiga.

Igualmente se publicou o tomo I do «Ano Noticioso e Historico — de Luiz Montez Matoso, que no dizer do frontespicio original «compreende o resumo dos sucessos militares e politicos das potencias estrangeiras, com a noticia de nascimentos despositorios e falecimentos de Imperadores, Reis, Principes e mais pessoas distintas pelas suas qualidades e empregos; e contém especialmente a noticia das cousas mais memoraveis que sucederam no Reino de Portugal». E' precedida a obra de uma noticia e de seu autor do punho do 1.º bibliotecario dr. Arnaldo Faria de Ataíde e Melo. Atinge o ciclo de 1740 a 1745.

Esta obra é indispensavel em qualquer estante de um estudioso ou trabalhador de historia.

Finalmente a Biblioteca editou os «Subsidios para a Bibliografia da Historia Local Portuguesa», trabalho do 2.º bibliotecario dr. Antonio Mesquita de Figueiredo, e meritoria publicação, a mais importante das quatro, quanto a nós, complemento e actualização de trabalhos anteriores.

Um trabalho desta natureza nunca se pode dar por completo, mas este volume acusa já uma perfeição satisfatoria. A sua utilidade é flagrante, o seu valor monografico ressalta á primeira vista do simples manusear do volume.

N. de A.

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE».

Notas em circulação

Os estudos recentes sobre a romanização da Peninsula Iberica mostram-nos que ela foi ainda mais profunda e vasta do que já se julgava. O livro, publicado ha meses, do sabio alemão Hans Zeiss, documenta de maneira flagrante essa vitoria da latinidade sobre a influencia gôda, que aos poucos perde o seu vigor e imperio. A população visigotica no seculo VII, afirma Zeiss, era gôda de origem, mas já espanhola de contextura espiritual; lingua e cultura eram de raiz romana. Não deixa de ser interessante registar estas opiniões que vindas da arrogante Germania, de qualquer sorte negam as ideias de Gobineau, ali tão lido e apreciado. Certo, o sabio Zeiss não entende defender assim a superioridade, da civilização mediterranica, nem deminuir o valor das influencias nordicas.

Mas a sua tese traz um grande incentivo áqueles que, para cá dos Pirinéus—espanhois ou portugueses—nas suas respectivas Patrias vêem, além, da persistencia do genio proprio de cada uma, predominio das ideilas, tradições e habitos da longinqua e perduravel acção da alma greco-latina. Literariamente mesmo, o caso é importante, pois justifica, á luz da erudição, tendencias e atitudes que por vezes são combatidas ou criticadas.

■

Uma data celebre para a mentalidade e cultura nacionais foi a de 15 deste mês. No mesmo dia do ano de 1309, D. Deniz concedeu, com efeito, varios privilegios e imunidades á Universidade de Coimbra, querendo desse modo afirmar o seu respeito e interesse pelo primeiro estabelecimento educativo do país, nessa epoca distante. Uma das mais curiosas disposições desse diploma é aquela que liberta de direitos de transito, em todo o reino, «os escolares, seus criados, cavalgaduras, livros e alfaias quando fossem para o Estudo ou dele regressassem».

Bons tempos! Agora, que tão bem sabemos que as viagens são indispensaveis á educação da mocidade, nem mesmo para os lugares de estudo elas são mais baratas. O saber paga-se, porque vale dinheiro. E talvez se não se pagasse, ninguem o tomasse a serio...

■

Entristece um tanto a leitura da entrevista com Mauricio Maeterlink que as «Nouvelles Litteraires», inserem no ultimo numero chegado a Lisboa. O grande escritor, o estilista racinia-no ,o poeta inefavel do «Segredo dos Humildes» e de tantas obras-primas, aparece ali demasiadamente cativo de preocupações materiais.

Não o apresenta claramente assim o entrevistador, o sr. Pierre Daye, mas adivinha-se que Maeterlink nunca perde de vista o dinheiro. Por exemplo, a proposito da literatura belga: «Não se pode viver. Atmosfera abafante». E não é coisa «que compense...» Que dirão a isto os compatriotas do ilustre evocador e mestre de Beleza espiritual? Nada, é claro... Que melancolia, porem, sentirão os seus admiradores mais ingenuos ao saberem-no tão cioso de lucros e tão desdenhoso da literatura, aliás notavel, da sua pequena e heroica Patria...

■

Moliére — que nem as admiraveis traduções de Castilho tornam mais conhecido e mais representado *em Portugal — morreu ha* 262 *anos, em* 17 *de fevereiro de* 1673. *A irradiação universal do seu genio e a permanente actualidade da sua obra, justificariam bem que vissemos mais vezes o* «Medico á Força» *ou* «As Sabichonas» *nos nossos teatros. Prodigio eterno da arte dramatica e de fundo conhecimento da humanidade, todos ganhariamos em conviver menos raramente com as suas personagens, que são, afinal, figuras de hoje e de sempre, exemplos que muito convem ora seguir, ora não imitar...*

■

Um curto, mas delicioso poema de Alberto Ramos, poeta brasileiro quasi desconhecido em Portugal. Trata-se da oferta duma rosada concha do mar á bem-amada:

Esta concha nasceu, como Venus, da onda,
Rosea, lactea, polida, intacta e sem defeito.
Não tinham tanto preço as gemas de Golconda.
Semelha um coração acabado e perfeito.

Escuta e lhe ouvirás um borborinho estranho
De ondas batendo ao longe em criptas de granito.
Ei-la, é tua! Uma flor a excedera em tamanho!
Mas dentro ruge o mar, infinito, infinito...

Com versos destes, qual será a mulher que não prefira que lhe ofereçam conchas, em vez de rosas ou cravos dos mais ricos jardins?

■

Bolonha vai celebrar o centenario do nascimento de Carducci, o grande poeta da unificação da Italia, de quem d'Annunzio um dia se proclamou herdeiro e continuador. Anti-clerical apaixonado, patriota entusiasta, não lhe foi dificil conciliar essas duas tendencias, numa epoca em que o poder temporal do Papa constituia um obstaculo para a formação do Estado Italiano. «O Hino a Satan», *seu primeiro poema, tornou-o logo ilustre. E desde então,* 1865 *até* 1885, *não deixou de publicar numerosas obras em verso, das quais a mais notavel é* «Odes Barbaras». *Em* 1887 *o governo criou uma cadeira especial para o ensino de Dante, na Universidade de Roma, que destinava a Carducci. O velho vate, porém, recusou-a, porque lhe impunham explicar a «Divina* Comedia» *sob o aspecto exclusivo da sua critica á autoridade papal. Honesto e sincero no seu clericalismo, Carducci negou-se a essa tarefa. Morreu senador, em* 1890, *em plena gloria literaria e em pleno prestigio social. Foi, de facto, um dos maiores poetas do seculo XIX, um Junqueiro italiano, de vasta irradiação em todo o seu país e em todo o mundo.*

ANTOLOGIA POETICA

SILENCIO

**Falam do teu silencio a meu respeito.
Pouco importa. Deixà-los murmurar.
Se o noto é por achar talvez suspeito
Que um silencio dê tanto que falar...**

**Não passa d'um inutil preconceito
o que te prende, o que te faz calar.
Mas eu sinto, atravez do teu despeito,
quantas coisas me diz o teu olhar!**

**Já não te encanto? Já te não convenço?
Deixa gritar o teu orgulho imenso,
deixa o teu odio delirar enfim!**

**Julga-me igual a todas as mulheres,
insulta-me, despreza-me, se queres,
mas, pelo amor de Deus, fala de mim!**

Virginia Vitorino

Publicamos de novo este lindo soneto de Virginia Vitorino, por ter saido, no ultimo Suplemento Literario, com inexactidões que lhe alteraram o sentido.

ABADIA
"First-Class„-Restaurante
Almoços, Jantares e Ceias, serviço" à la Carte„. Cosinha recomendada.
Especialidade em Mariscos e Cervejaria.

Sae amanhã o 3.º numero de
FUTEBOL
com todas as suas secções e excelente colaboração

Quintão, L.da (Decoradores)
Apresentam mobiliario moderno para todas as aplicações
Estofos, cortinados — Bibelots, candieiros
AS MAIORES NOVIDADES
RUA IVENS, 44 — LISBOA
TELEFONE 28089

SUM E' o melhor limpa metais

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril — Caminho de ferro.

Prefira a «CHIC» para os seus almoços e jantares, e verá que todo o serviço lhe dará inteira satisfação.

Fatos a prestações
De 15$00 por semana, com bons forros e esmerado acabamento, só na Alfaiataria Lanas, Limitada.—Praça D. João da Camara, 4, 1.º (por cima do Café La Gare)
Em frente da estação do Rossio

Baile
Os mais lindos penteados executa o cabeleireiro do Rossio, 93, nos 2

UM CONTO POR SEMANA

HISTORIA DUM GATO

Foi o ventre arrombado duma velha cadeira «Voltaire» que lhe serviu de berço. A mãi, uma gata experimentada e esquiva, escolhera-a para ninho da sua filharada porque no fundo do seu bôjo escuro havia ainda uma porção de crina sofrivelmente fôfa

O nosso rancho de miudos já sabia que, com matematica pontualidade, aquele canto do caótico celeiro se animaria duas vezes por ano com os nascimentos dos gatinhos. Era um acontecimento previsto, esperado e fatal, como a vinda das estações. Na nossa ingénua ignorancia de crianças, encarávamos os bons-sucessos da velha gata da quinta com a mesma placidez com que víamos as pereiras darem peras e as galinhas pôrem ovos. Acostumados a que tudo produzisse á nossa volta, achavamos naturalissimo que a gata tivesse filhos.

Por essa altura ouviamos muitas vezes as «pessoas grandes» da casa falar numa certa mulher que tinha um nome musical e estranho: Zilda. As conversas a seu respeito nasciam cortadas de reticencias, de sibilinas alusões, de meias frases enigmaticas. Lembro-me até que o meu pai, quando se dispunha uma vez a contar a sua historia a alguem, me mandou para o jardim—«a vêr se chovia». Esse nome ganhou assim nos nossos espiritos, um perfume de misterio, um sabor lendario, e um prestigio de fruto proibido que o tornou merecedor da nossa devoção reverente e supersticiosa. Vim depois a saber que a Zilda era a heroina equivoca duma peça do senhor Alfredo Cortez. Mal sabe ele que ai por volta de 1920 houve num recanto afastado da provincia um grupo de crianças para quem ela foi uma das deusas misteriosas do seu Olimpo infantil.

Por isso, quando a Gertrudes cozinheira de cima do seu ventre empinado nos afirmou, em tom peremptorio e dogmatico, que o bichano recemnascido era uma femea, todo o rancho aplaudiu com fogoso entusiasmo a sugestão de um de nós: «Então ha de chamar-se Zilda!».

Afinal a Gertrudes enganou-se. A «Zilda» foi crescendo, passou a abrir os olhitos verdes, começou a achar graça aos bugalhos com que a presenteavamos, e um dia a Gertrudes descobriu que o seu prognostico fôra errado. E avisou-nos, como se partisse de nós o equivoco: «Os meninos estão enganados... A gata é um gato!». Ficamos desapantados. Já nos haviamos acostumado á ideia de que se tratava duma gata, já a haviamos baptizado com um nome feminino—e que esplendido nome ele era!—e afinal era preciso substituir tudo isso. Durante uns momentos reinou a desorientação nos arraiais da pequenada. Mas de repente eu—que por ser o mais velho, estava já mais versado nos misterios da gramatica—tive uma ideia luminosa: «Já sei! Temos que lhe chamar Zildo!». A assembleia aprovou a proposta por aclamação e ficou tudo novamente a ter gosto pela vida.

Puco depois o Zildo fazia parte integrante da nossa tribu. Não havia brincadeira em que ele

O achatado da cabeça e os olhos verdes irisados de oiro prometiam raras faculdades carniceiras. Mas nessa altura ainda não tinham tido tempo de se manifestar os atávicos instintos do nosso pequeno Zildo. Por então os prazeres da sua vida, velha ainda só de uns vibrantes sessenta dias de verão, resumiam-se a bem pouco: o sôno regalado que nem sempre lhe consentia a nossa esturdia fogosidade de pequenos diabretes, o leite bem açucado com que premiavamos o seu permanente gôsto pelas nossas nunca satisfeitas brincadeiras, a ebriedade que lhes proporcionavam as loucas correrias e cabriolas a que tudo lhe servia de pretexto.

Durante essas ferias o Zildo foi para o nosso irrequieto grupo um constante motivo de diversão e interesse. Todos nós rivalizámos em imaginar novos meios de provocar as suas doidas traquinices ou de pôr á prova a ignorancia maravilhada da sua infantil inexperiencia. Um dia lembrámo-nos de o meter num grande alguidar de zinco que puzemos a boiar no tanque. E não tinham fim nem limite as nossas gargalhadas e exclamações perante a mimica, feita de pasmado espanto e temor, do pobre animalzinho desconcertado e perturbado pela novidade insuspeitada do instável elemento. Mas quando, saciados já do novo folguedo, o retirámos do escorregadio alguidar, depois de o termos puxado para a margem com uma cana, o nosso prazer tingiu-se de remorsos ao verificarmos com ternura e carinhoso confrangimento que o seu pequenino coração badalava alvoraçado e que nos seus olhitos claros havia ainda um reflexo do terror que acabava de sentir.

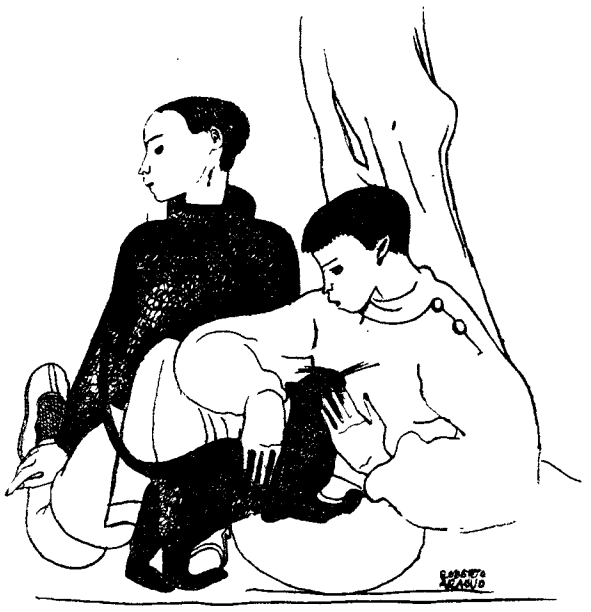
Doutra vez—e foi certamente então que se lhe revelaram os prazeres excitantes da caça—como um de nós tivesse apanhado um mísero pardal de telhado na capoeira, onde entrara por algum buraco da rêde com que não atinou depois, atámo-lo a um cordel e puzemo-nos com ele a fazer-lhe «fósquinhas» (como nós diziamos).

O Zildo ficou maluco. Os olhos brilharam como tições, o focinho aguçou-se, todo ele se mirrou num novêlo que estremecia de ansiedade gulosa. A pouca distancia, o pobre pardalito arquejava de pavor, esvoaçando doidamente. Por fim ficou quieto, de asas e bico abertos, a fitar fascinado a pequena fera que o espiáva. O Zildo começou então a rastejar, cosido com a terra como uma sombra. A uns três palmos da vitima disparou numa «fiada» fulminante. O que segurava o cordel, deu-lhe um puxão rapido e oportuno: o gato passou no ar, como uma flecha, torceu-se, estendeu uma pata, garras em riste, mas só conseguiu roçar o passaro. No ar ficaram uma penas minusculas a pairar. Todos nós, em volta, não despregavamos os olhos daquela luta, cruel e bela.

Novamente o mesmo manejo recomeçou. Desta vez o Zildo demorou mais a preparação do novo salto. Acachapado, meneava o corpo como a tomar balanço. De repente lançou-se para a frente, num relampago. E dessa vez venceu. Dentes e unhas cravadas no corpinho palpitante da avezinha, ficou a balançar-se no ar uns momentos, suspenso tambem do cordel, puxado demasiado tarde. Depois a fragil pernita do pardal cedeu ao seu peso. E o Zildo partiu a galope e sumiu-se pela goteira da porta da adega, onde foi saborear na sua fresca penumbra a presa conquistada. Quem poderá imaginar todo o orgulho e toda a volupia com que deve ter sentido correr na garganta o sangue quente e perfumado da sua primeira vitima, premio inestimavel da sua primeira vitoria!

Pouco depois acabaram as ferias. Eu vim para Lisboa, tentar vencer o exame do primeiro ano do Liceu. E o resto do bando perdeu a sua bela liberdade estival para passar a padecer a tirania duma senhora mestra miope, sorumbatica e paciente.

Entretanto o Zildo foi avançando em experiencia e força. Gradualmente adquiriu compostura e gravidade. Fez-se gente, enfim. E quando voltou o bom e livre tempo das ferias do verão, o nosso grupo de garotos verificou com um certo despeito que o Zildo estava um gatarrão insuportavel, cheio da sua pessoa, indiferente ás nossas brincadeiras, muito senhor de si e que já não nos ligava nenhuma. Resolvemos tacitamente pagar-lhe na



mesma moeda e o Zildo perdeu assim todo o interesse e todo o encanto para o nosso bando de gente de palmo e meio.

Durante dez rapidos anos o Zildo viveu a sua breve vida de gato robusto, independente e feliz. Nós crescemos tambem, tornámo-nos num grupo de rapazolas turbulentos e empreendedores. Começámo-nos a interessar por entretenimentos viris: cavalos, cães, espingardas e as raparigas novas, rijas e faceis, das ceifas e das vindimas. Os deuses da nossa mitologia de rapazes variaram tambem. Chamavam-se agora Capitão Morgan ou Capitão Nemo, Raffles ou Sherlock-Holmes, Douglas ou Matias Sandorf, Carpentier ou Gago Coutinho—conforme os temperamentos.

Voltámos então a achar graça e interesse ao Zildo. A's nossas imaginações, inspiradas em portentosos feitos de audacia, valor e força, aos nossos espiritos formados no culto das qualidades morais que distinguem os grandes capitães e os puros herois e no «fair-play» dos anglo-saxões, a existencia voluntariamente ardua do Zildo afigurou-se-nos digna de estima e consideração. E' que, de facto, o Zildo nunca se deixou abandonar á facilidade em que se repotreia a enorme maioria dos gatos domesticos. Viveu continuamente em luta. Quasi sempre, quando aparecia á noite na cozinha, não tocava na comida que lhe punham á frente: já tinha a barriga cheia—pardais ou ratos que caçava. Não era gato que se deixasse avassalar pela doçura de viver: era raro vê-lo enroscado na chaminé ou sobre as almofadas da sala. Preferia deambular pela quinta, livremente, ou disputar aos outros bichanos as gatas lascivas. Nunca foi capaz de roubar um petisco de cima da mesa da cozinha ou se permitiu o menor desafogo fisico, portas a dentro. O Zildo tinha o aprumo dum «gentlemen» e o estofo dum «sportman».

Contava no seu activo as mais brilhantes façanhas: fenomenais tareias em rivais de mérito, escaladas sensacionais por telhados e arvores, violentas cenas de sopapo com os perdigueiros poltrões e estupidos da nossa matilha, que acabaram sempre por bater em vergonhosa retirada, focinhos arranhados e olhar submisso, enquanto ele ficava senhor do campo de batalha, sobranceiro, a cauda a fustigar nervosamente para aqui e para ali, entre orgulhoso e espantado da facil vitoria obtida sobre adversarios de tanta corpulencia.

Mas um dia foi lá parar á quinta um pequeno «fox», rijo como um seixo e valente como as armas, e com esse é que ele já não levou a melhor. As brigas entre ambos surgiam a cada passo e era fatal acabarem com o Zildo empoleirado na ramada de certo ulmeiro mais propicio para fugas precipitadas, e o «fox» cá em baixo, resingueiro e rufião, ladrando de raiva impotente.

Como se o «fox» não bastasse para lhe amargurar a velhice, um dia o Zildo apareceu com um olho vasado. Garra de rivel? Unha de doninha? Espinho traiçoeiro dalguma tojeira? Nunca o soubemos.

Essa meia cegueira não só lhe prejudicou a eficiencia das suas faculdades batalhadoras como veio precipitar a decrepitude que já o espreitava. Desde então o Zildo envelheceu a olhos vistos. A sua bela pelagem luzidia perdeu o brilho e o esplendor, o corpo estreitou, o focinho cobriu-se duma nevoa de pêlosc brancos. O Zildo estava uma sombra do que fôra.

Por essa altura começaram a desaparecer pintos da capoeira e coelhos, dos pequenos, das coelheiras. Culparam-se os milhafres, acusaram-se supostas ratas, chegou-se a suspeitar dalguma raposa mais afoita. A rapinagem assumiu em breve, pela sua frequencia, foros de desaforo. E tal foi ela que se resolveu um dia durante o almoço—estavamos nas ferias da Pascoa—que era preciso pôr ponto a semelhante pilhagem, sob pena de ficarmos com as capoeiras desertas. E foi declarada a guerra contra o desconhecido «inimigo publico n.º 1». Cada um propôs os meios de combate que lhe eram mais caros. Houve discussão, mas por fim acordamos que o preferivel seria espiar a capoeira de cima dum freixo que ramalhava perto. Ao cabo de dois dias de vigilancia conseguimos identificá-lo: era o Zildo! Ficámos «altos do chão».

O Zildo, um gato irrepreensivel, com um passado tão brilhante e tão puro, uma tão perfeita noção dos sãos principios—fazer uma coisa daquelas! Se o não tivessemos surpreendido em flagrante delito, não acreditariamos. Mas não—fôra apanhado com a bôca na botija, não havia que duvidar.

A indignação em casa foi geral e veemente. Toda a comunidade familiar, do nosso Pai á Gertrudes cozinheira, julgou o crime do Zildo—nefando, abominavel e sem atenuantes. A nossa colera, e a lembrança das perdas que a capoeira sofrera, impediram-nos de vêr—para além daquele crime de lesa-familia, verdadeira traição á Casa—a exacta explicação do desvairamento senil do pobre Zildo. Agora sim, compreendo-o e quasi o desculpo. O Zildo, quando se viu impossibilitado de continuar a sua vida de caçador, quando verificou que os seus musculos não tinham já a elasticidade necessaria para poder surpreender a presa, quando compreendeu que a falta de um dos seus olhos era um óbice irreparavel, não soube nem pôde abdicar. Não foi capaz de se habituar ás sopas desenxabidas da Gertrudes, não pôde resignar-se a nunca mais sentir estrebuxar entre as suas patas o corpo fremente e moribundo duma vitima, a nunca mais sentir escorrer-lhe pelas guelas o sangue grosso e mórno duma presa na agonia!

E foi certamente por isso que se decidiu a saqeuar a capoeira, onde encontrava vitimas faceis e indefesas. Fraqueza que a disciplina e a moral do meio não soube compreender nem desculpar. E o Zildo foi condenado á morte.

No saco de sarapilheira onde esperou o epilogo do seu destino, o Zildo miava desesperadamente. A sua voz lamentosa parecia suplicar piedade, mendigar clemencia. Mas nós fômos implacaveis. Eu principalmente, que fui o encarregado de cumprir a sentença

Aos meus vinte anos petulantes repugnaram confessar tibieza, mostrar relutancia por essa tarefa antipatica. Fui buscar a espingarda, meti-lhe dois cartuchos nos canos e mandei levar o saco com o Zildo para o pateo das abegoarias. Quando me dirigia para lá, flanqueado pelos meus irmãos, palidos e um tanto enfiados, a Gertrudes saiu-me ao caminho: —O' menino, não mate o gato! Não faça isso! Olhe que arranja sete anos de trabalhos!

—Historias! rosnei. E ria-me, a fingir que estava muito senhor de mim.

A Gertrudes ainda voltou á carga, pediu-me que ao menos não o matasse debaixo de telha, porque isso, então, «era muito mau».

Para evitar complicações, resolvi matar o Zildo mesmo dentro do saco. Ele continuava a miar, angustiadamente, e não parava quieto um segundo.

Puz-me a alguns passos do saco, apontei o melhor que pude ao vulto que se movia debaixo da serapilheira, e disparei.

A carga abriu um buraco no saco por onde o Zildo, com um berro, saiu como um foguete, ensanguentado e com uma mão partida. Em dois saltos refugiou-se atrás duns paus e duma charrua que estavam arrumadas a uma parede.

Todo eu tremia e já dava ao diabo a alhada em que me metera. Mas já não podia recuar.

No seu refugio, o pobre Zildo, apavorado, bufava de terror e raiva. Cautelosamente afastei umas tabuas. La estava, mirrado, o olho a coruscar, doido de mêdo. Meti a arma á cara, apontei bem á cabeça e puxei o gatilho. O Zildo, dessa vez, tombou sem um gemido.

DOMINGOS MASCARENHAS

Dez minutos com

JOÃO CARLOS — RETRATO DE ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Forjaz de Sampaio

Desde as «Cronicas Imorais» até ao limiar da Academia de Ciencias, Albino Forjaz de Sampaio não levou no trajecto mais do que meia duzia de anos. O seu sorrizo, cinicamente, postiço, constitui ainda hoje o seu melhor cartaz literario. Todos acreditam nessa impiedosa flexão dos labios, só ele, Forjaz, no remanso burguês da sua alma, ao descahir a mascara, deve sorrir, então, com a solerte ironia de quem brinca com os mortais, tal qual uma aranha venenosa, enrodilhando uma mosca inerme e preguiçosa. A sua obra literaria abrange vinte e seis volumes, se nós sabemos contar pelos dedos, tendo os titulos de memoria. Podemos divid-la em dois periodos. O primeiro, «Palavras Cinicas», «Lisboa Tragica», «Cantaridas e Violetas», é mais forte. Forjaz, sem se afastar da sombra de Fialho, embora com cintilações originais, mostra-se duro, implacavel, pintor impressionista de notavel claro-escuro voluptuosamente desagradavel, agreste, iconoclasta. O segundo periodo, marca uma acalmia. O escritor torna-se um bibliografo, um robuscador de curiosidades e fazedor de colecções: «Os Barbaros», a série «Patricia», a «Historia da Literatura», etc. Mas não se desdiz. Fala-se de Forjaz como dum demonio literario. E' temido e respeitado, e, no entanto, contactada a sua sensibilidade manifesta-se vulneravel á amizade, e não sabemos mesmo se á admiração. Não sabemos se este pequeno prefacio aos seus «dez minutos» incorrerá no desagrado do escritor. Couraçado como está, a nossa pena simples de jornalista, de resto mal aparada, não chega a fazer mossa. Forjaz, duelista das letras, embainha a sua lamina terrivel de duelista das letras, e vamos conversar á boa paz. Ora diga:

—Tem ganho muito dinheiro com os seus livros?

—Algum! Mas não se pode dizer muito se não tributam-se!

—Qual das suas obras prefere?

—«Vidas Sombrias». E digo porquê: no fundo sou um romantico, quasi que namoro a lua. Conheci na vida todas as figuras desse livro. Entranhei-me na sua miseria e na sua dôr de humilhador. Ninguem fez caso delas... Só eu, piedosamente.

—Forjaz, você perdeu o «cinismo» quando entrou na Academia?

—Sou a mesma coisa. A Academia não me tirou , nem pôs. Tenho uma grande consideração por ela, e entendo até que o papel das academias é dignificar as pessoas que, por seu turno, a dignificam.

—Que livros prepara?

—Entre outros, «Em tempo de guerra».

—Da guerra que passou?

—Não! Uma guerra hipotetica, entre Portugal e a Espanha sovietica.

—Quais as suas maiores admirações literarias?

—Duas muito grandes...

—Fialho...

—Fialho e Camilo.

—E dos modernos?

—Leio tudo e aprecio todos.

—Com que então, menos «cinico»?

—A mesma coisa, amigo. Eu não sou cinico, a vida é que o é. Limito-me a interpretá-la o melhor que sei, escrevendo!

Delirio das Imagens

MADRE-NATURA

A Martinho Fernandes Piloto

Homem livre, eu adoro o ceu livre e estrelado,
a serra, a veiga, o prado, o oceano furibundo
e o sol, que asperge sempre o seu fulgor doirado,
suas bençãos de luz por sobre todo o mundo.

Ao contemplar assim tais quadros deslumbrado,
e sem caír nas ascése, em ar cogitabundo,
nem pasmar em fervor de misticismo eivado,
sirvo num alto enlevo o meu gosto jocundo!

Todavia, eu professo uma religião pura,
de rito racional — a de Madre-Natura —
com um Deus — o Universo, o único demiúrgo,

e monjas, sem unção nem aparencia quérula
— a casta Madre-Silva e a linda Madre-Pérola —
a venerar o Amor, o grande taumaturgo.

A' MANEIRA DE HAMLET

A Assis Esperança

Morrer — abrir os olhos para Alêm,
mergulhá-los na sombra pungitiva,
ir em busca da grande perspectiva
finda a qual se divise o mal ou o bem...

Dormir — fechar os olhos, para aquêm
do limite da acção terrena e viva;
renovar a Quimera, que ninguem
julga propicia e, antes, aflitiva.

Sonhar — abrir os olhos no belvêr
de onde a imaginação, num fito insano,
vê fantasmas de eterea idealidade...

Talvez... sejam viver, dormir, morrer
tôrvas contradições do Sonho Humano
que é na Vida a suprema realidade...

SANTA DA CABECEIRA

(A'memoria de minha mãe)

Num casebre de aldeia aparece um mendigo
anquilosado e triste, a pedir a pousada.
Bôa gente, o aldeão, a mulhêr, a criançada
afagam o infeliz, que ali consegue abrigo,

Depois de em caldo bom comer o pão de trigo,
resto da exigua ceia, ha pouco terminada,
o pobre de pedir entôa uma balada
em que exalta o favor do acolhimento amigo,

Sobre o catre onde vae ter dormida e quentura,
o mendigo, em seguida, afixa com ternura
um retrato da mãe, sacado da algibeira.

Das crianças a mais curiosa e inocentinha
pregunta-lhe, em fervor: «Quem é esta santinha?»
— «E' a minha bôa mãe — Santa da Cabeceira!»

SEGREDO INVIOLÁVEL

A Norberto de Araujo

Olhai que andei a ansiar por saber o mistério
em que a morte se oculta e a vida se restringe,
interrogando sempre essa eternal esfinge
que nos fascina e atrai — do berço ao cemiterio.

Qual será, homens vãos, o túrbido criterio
que rege o Nada-Ser e que de negro o tinge?
Na pânica intuição da incógnita que o cinge,
para vós decifrei esse enigma funereo:

Quando nos vem colher, revela o seu segredo
— um segredo de morte! — em fala repentina,
a Parca, assim tranzindo o Homem lacrimável!...

E todo o moribundo, empolgado p'lo medo,
é levado, no horror do assombro que o fulmina,
a guardar na jazida o segredo inviolável...

CANTORES DE RAÇA

A José Maior

Na gaiola gentil de niquel e de faia,
o meu canario estuda um fresco «vocaliso».
Puro cantor de raça, em seus trilos ensaia
mais um novo chilreio, alegre como o Riso.

Não quere emitir sons metalicos de guiso;
e, assim, o seu gorgeio em «trémolo» desmaia,
para ter — tipo ideal de ave do Paraiso —
um cântico maior que a todos, sobresaia.

No esplendor do meio-dia ou nas doces auroras,
encontra a proporção das belas cantorias,
o som conforme a luz — em forte ou em «smorzando».

Que destino feliz o das aves canoras:
Amar o Sol, para render-lhe melodias
e fruir o prazer de encantar-nos, cantando!

NO BANQUETE DA VIDA

A Joaquim Parreira Branco

Devoto de Epicuro, o Prazer convidou
seus amigos joviais ao maior dos banquetes
onde não haveria os nefastos verdetes
com que a Lucrecia vil seus crimes perpetrou.

A' Juventude e á Gloria ofertou ramilhetes;
ao Dinheiro e ao Poder encómios dedicou...
e, ao «toast», festejando a Alegria, queimou
numa orgia de luz mil ruidosos foguetes!

Por fim, quando rescende, a tombar sobre a mesa,
uma chuva aromal de rosas de Veneza,
a Morte surge e a mão de todos logo aperta.

— Eu não te convidei!!—diz-lhe o Prazer, tranzido.
Mas, a Intrusa esclarece: — Um costume sabido...
No Banquete da Vida, a Morte é sempre certa...

SANTOS VIEIRA

POMBOS CORREIOS

● Livros portugueses que se venderam mais durante a semana: *Patria Esquecida*, de João de Barros e *Quatro Novelas*, de Ana de Castro Osorio.

Livros franceses: *San Michel*, de Axel Munthe e *Victor Hugo et les femmes*.

● Faleceu, com 72 anos, um dos escritores mas fecundos de todos os tempos: o inglês Fletcher. Publicou 230 volumes, na sua maioria novelas. Praticou durante largo tempo o jornalismo, com o pseudonimo *Um filho da terra*.

● O grande Stendhal, da *Chartreuse de Parme*, numa auto-biografia, fez este curioso vaticinio: «até 1935 não serei inteiramente compreendido». Que se pronunciem os criticos.

● Albino Forjaz de Sampaio tem pronto um livro intitulado: *Em louvor da nona arte*.

O assunto é saboroso: gastronomia, antiga e moderna, condimentado com a ironia peculiar do autor das *Palavras cinicas*. Prepara outro: *Historia do livro em Portugal*.

● D. Ana de Castro Osorio publicou agora, com o titulo *Quatro novelas*, um belo livro de admiraveis qualidades literarias.

● O pintor Varela Aldemira, professor da Escola de Belas Artes, vai publicar o seu estudo sobre *Freud e varios aspectos esteticos*.

● Coincidencia curiosa: O dr. Hipolito Raposo publicou em 1918 uma novela com o titulo bem português de *Ana Maria*. Pois agora saiu, em Paris, com o mesmo nome um romance de Henri Pierangeli.

● Maia Alcoforado reuniu um feixe de contos com o titulo: *A' Boca Pequena*, que saiu ha dias.

● Apareceu no British Museum, de Londres, a versão egipcia do Novo Testamento, que ha seculos era tenazmente procurada. O manuscrito deve datar da primeira metade do seculo II.

● A produção editorial alemã tem deminuido muito nos ultimos anos. Em 1928, 28 mil volumes; em 1932 21 mil.

● Uma empresa editorial de Lisboa vai fazer uma antologia da obra de Gomes Leal.

● O premio *Gringoire* foi atribuido ao romance Les Flambeurs d'Hommes, de Marcel Griand. A acção passa-se na Abissinia, o que dá ao livro uma actualidade escaldante. Griaule é um jornalista, que tem viajado muito por Africa, em missões oficiais. O premio foi recebido por madame Griaule, em virtude do marido se encontrar agora no Sudão.

● O nosso camarada Ferreira de Castro que, no sabado, partiu de avião para Tanger, vai fazer uma larga digressão literario-artistica no Mediterraneo. Visitará, entre outras terras, Argelia, Grecia, Egipto, Siria e Jerusalem. Reserva para a *Noite*, do Rio de Janeiro, o exclusivo das suas impressões.

● A famosa crise do livro, em Portugal, sofreu agora um desmentido energico, com *A verdade acêrca da batalha da Jutlandia*, livro bem apresentado e bem traduzido, cuja venda tem constituido um autentico êxito, como ha muito não se registava no nosso mercado.

LIRISMO E CRISTIANISMO

Um missionario poeta

Dos "Laudi" de S. Francisco de Assis á "Romaria" de Vasco Reis

Para o pensamento humanista toda a criação espiritual sincera contém a verdade. E a sua grandeza sente-a na profundidade com que é vivida, na intensidade de vibração humana que contém.

Curioso é notar como o cristianismo, na sua posição de cultura indo buscar aos escritores greco-latinos parcelas da verdade que veio afirmar com a sintese da sua civilização—revela tambem a mesma compræensiva posição espiritual. Na *Ode a Pollion* de Virgilio toda a Idade Média viu o anuncio e a profecia do milagre maximo do cristianismo.

Estas posições criticas não implicam transigencias nas afirmações criadoras. O cristianismo por ter absorvido tudo quanto na civilização greco-latina lhe era util á sua criação ou anunciava a sua verdade nem por isso tem qualquer coisa de paganismo.

O historicismo critico, no seu inicio, dominado pelo preconceito das origens—como se toda a civilização não nascesse, embora condicionando-o com inumeras influencias, de um momento de criação genial—quiz vincar o que ela chamava as persistencias do pagamento dentro do cristianismo. Inutil constatação. O que importava mais não era marcar as persistencias, mas os elementos novos, o sentido novo que essas mesmas persistencias tomavam na nova civilização. O mesmo tem sucedido e sucederá ainda por muito tempo com o *humanismo*.

O mesmo erro não deve nunca ter o pensamento humanista—nem o pode ter para não limitar a grandeza da criação humana—eterna e multiforme—a uma forma de civilização.

Ao novo seculo do Humanismo—ao seculo XX o sonho da sua afirmação plena (em que pese ás multiplas reacções e resistencias que, combatendo-o, revelam afinal na sua força criadora) não pode repugnar o movimento de revivescencia espiritual do cristianismo e em especial do catolicismo. Quando falo de revivescencia não me reporto á continuidade da sua *doutrina* de ininterrupta grandeza mas ao seu novo poder de criação espiritual espontanea—ao seu poder de criação poetica.

E' este o ponto de vista superior com que encaro, com alegria, o anuncio do aparecimento em Portugal de um grande poeta cristão. Esse anuncio é o livro «Romaria» do padre Vasco Reis. Devo á sinceridade para comigo e á sua amisade que de longe—da sua santa missão em terras de Africa—me acompanha—, devo ao respeito que tenho pela sua cultura e pelo seu valor que ha de fazer dele—assim o espero—um grande da nossa Terra, o dizer que o seu livro é apenas um anuncio da sua grandeza futura.

Apenas? Quereria que esta palavra pudesse aqui definir, sem limitar nem deminuir.

Porque não seria justo tambem deminuir ou limitar o real valor do poema «Romaria».

Poderei talvez fazer-me compreender dizendo que a «Romaria» não é um grande livro—mas é um grande *primeiro livro*.

E' o anuncio de uma obra que se ele quizer impôr a si proprio a grandeza de que é capaz e se nós a soubermos compreender e amparar—hade surgir em toda a sua plenitude.

Mas a «Romaria» é, de facto, um grande primeiro livro—com todas as caracteristicas daqueles que revelam a possibilidade de uma continua ascensão no obra do seu autor.

Raros—e não se pode dizer que os melhores—são os poetas que na juventude revelam toda a sua grandeza. A poesia é uma obra de profunda maturação não de juvenil espontaneidade.

As qualidades mais desejaveis num primeiro livro são as que revelam e anunciam uma grandeza futura e uma directriz firme na sinceridade com que foi vivido.

VASCO REIS

O missionario Vasco Reis em Lourenço Marques

Não é a perfeição tecnica, exterior da «Romaria», a qualidade que neste livro mais me interessa. Esse dominio da linguagem poetica—que tantos simplistamente desprezam, sem perceberem que os ritmos das palavras e as harmonias da sua relação com o pensamento e o sentimento do poeta que os emprega tem leis proprias que nem por terem de ser recriadas por cada poeta que os emprega—ou talvez mesmo por isso—deixam de ser mais defenidas que as da musica—é já seguro em Vasco Reis.

Falta-lhe porém quanto a mim—uma interiorização no pensamento criador que o inspira. Quando perder certa dramatização exterior e passar a esprimir a tragedia intima, quando a sua ironia ganhar em transcendencia o que perder em pitoresco externo—a sua forma será o instrumento perfeito que requere a sua grande criação espiritual.

Ha na «Romaria» um encanto muito proprio—a sua capacidade de crença no milagre actual. A Poesia é uma crença no milagre mais alto—a criação pela magia poetica de um ritmo novo para a vida e para o mundo.

Os homens—porque têm realizado milagres de acção—julgaram dever afastar o milagre da vida. Profundo erro. Ha mais misterios entre o ceu e a terra do que pensa a nossa filosofia.

Com que beleza se revela na «Romaria» este poder de crença no milagre das almas, na profunda salvação das desgraças ou na realização dos desejos ingenuos—na crença de Santo Antonio. Eis um sentimento bem propriamente cristão dêste vulto tão portugués de Santo Antonio. Não vejo nele nada de paganismo. Nisto discordo—com a amizade e respeito que na discordancia ele merece—com a observação critica de Fernando Pessoa a proposito da «Romaria». Não não ha nada neste livro nem neste autor, nem no franciscanismo português, de culto por Santo Antonio, que ele representa, nada de paganismo. Nem certas formulas populares de religião representam paganismo nem elas são particulares do povo português.

O amor e o milagre de Deus esparso nas coisas e a elevação de tudo para a divindade não significam panteismo de S. Francisco de Assis não representam nem de longe qualquer forma de panteismo.

Representará qualquer paganismo o culto popular de Santo Antonio? Não vejo como. Essa ingenua—e tambem profunda—forma de enternecimento da vida e do quotidiano no milagre é bem cristã.

De um cristianismo de ternura em que—embora nos não seja exclusivo—realizámos ou poderemos realizar mais altas criações—de um cristianismo que, com a forma messianica, nos é proprio, isso talvez.

O culto dos Santos—em que pése a uma critica simplista das formas religiosas—em vez de revelar qualquer persistencia de paganismo é uma das afirmações mais caracteristicas e mais altas do cristianismo.

O culto dos santos enche de encanto e de poesia a Idade Média e mantém viva a mais alta afirmação do cristianismo o poder de chegar a Deus pela santidade—sublimação do humano.

O culto popular dos Santos e dos milagres revela uma ingenuidade natural—mas tambem uma profundidade—essa força que no cristianismo une o quotidiano e o eterno.

Revela-a em poesia neste seu primeiro livro o padre Vasco Reis.

O que devemos esperar dele? Que transcendendo do episodico para a mais alta interiorização, nos dê os poemas dêste pensamento cristão e franciscano. Esperamo-lo de sua experiencia de missionario e da sua cultura da mais alta e complexa filosofia cristã. Das filosofias que a Igreja admite—não da filosofia unica que quizeram fazer que a Igreja impuzesse, escolhendo entre todas a menos complexa e humana— a cultura franciscana mantém vivas as mais capazes de grandeza e de vitalidade.

Sei que as medita constantemente a grande alma cristã e o espirito culto do padre Vasco Reis. Compreensão da grandeza do sofrimento e do amor—louvor de amor são os poemas de S. Francisco de Assis—pensamentos filosoficos do plano divino rodando sôbre o amor foi o de Duny Scotto. Realização em poesia do holocausto que fez da sua propria vida aceitando como bondade e amor a vontade de Deus—eis o que espero do livro que me anuncia «A Divina Politica».

E sôbre o superficial religiosismo de certos poetas catolicos por moda ou calculo—sem interiorização nem cultura—quando um poeta cristão tem que ser um grande pensador e um homem de alta cultura—eu espero enfim surgir a criação de uma poesia cristã com a grandeza que merece e necessita para figurar dignamente na poesia portuguesa.

JOÃO DE CASTRO OSORIO

VINTE ANOS DEPOIS

Como um escritor português viu a guerra

"A Avalanche„ e o "Degelo„

Quando em 1918 saiu a primeira edição deste livro havia quatro anos que a Avalanche *estava em marcha e prosseguia, rompendo fronteiras, incendiando cidades, arrazando bosques, esmagando povos, talando caminhos, enchendo dos Pirineus ao Caucaso, do Egito á Persia, da cidade ao deserto, do Baltico ao Chile, da altura magnifica dos ceus á profundidade abismal dos oceanos, a terra e o mar, os ceus e os infernos, de espanto, clamores, ruinas e cemiterios. De julho de 1914 em que Prinzip matou a tiro em Serajevo os herdeiros do trono da Austria-Hungria, até ao dia 11 de novembro de 1918, em que num vagão, na floresta de Compiégne, foi assinado o armisticio, que imortal pagina da historia do mundo se encerrava! Que nos ficou dela? Ruinas, cidades martires que curaram já as suas cicatrizes: Lovaina, Reims, Etreilles, Bethune, Namur, Arras, e nomes, nomes que significam periodos, heroismos, lutas, combates. Passam todos num cosmorama espantoso. E' a guerra toda que passa á sua evocação. Nomes de reis e de dirigentes: Esse megalomano Guilherme II e o Kronprinz, Jorge V, Nicolau II, o heroico Alberto I rei dos belgas, o velho Francisco José, Fernando da Bulgaria, Constantino da Grecia. Depois vêm os homens de Estado: Poincaré, Clemenceau, Millerand, Viviani, Briand, Lloyd George, Asquith, Chamberlain, Venizelos, Roosevelt, Wilson. Espectaculo deslumbrante, peça que precisa de actores espantosos, reis, majestades, casacas consteladas de honrarias, fardas cheias da lembrança de batalhas e heroismos, eis que desfilam os seus generais e almirantes. Ei-los que passam. E Foch o da ultima vitoria, é Joffre o vencedor do Marne, é Gallieni o salvador de Paris e o vencedor do Ourcq. São Pétain e Castelnau os heroicos defensores de Verdun; são Nivelle, Mangin, Gourand e os marechais Franchet d'Espérey e Fayolle, franceses. São von Hindenbourg, Ludendorff, Falkenhayn, von Kluck, von der Goltz, von Bolow, Mackensen, os almirantes Tirpitz, o principe Henrique da Prussia e Scheer, o da Jutlandia, alemães. E' Pershing, americano; são Diaz e Cadorna, italianos; French, Kitchner, Lord Roberts, Douglas Haig, não esquecendo Jellicoe e Beatty, almirantes ingleses; são o grão duque Nicolau, Brussiloff e Shakaroff russos, é o bravo general Leman o heroico defensor dos fortes de Liege. Depois vêm outros não menores: Hood, o almirante que na batalha da Jutlandia o seu navio levou para a solidão das aguas, Cradok o heroico vitimado da costa chilena, von Spee seu vencedor, e vencido das Falklands; são os herois como o Major Raymal o bravo defensor do Forte de Vaux, ou como o Coronel Driant, morto defendendo o bosque de Caures. São os aviadores como Guynemer que abateu 54 aviões inimigos e foi por sua vez abatido; são os piratas da guerra como von Muller o comandante do* Emden, *ou o Conde Felix de Luckner; são os herois morais como o burgomestre Max, o cardeal Mercier, a fuzilada Edith Cawel ou Maria Adelaide a arquiduqueza do Luxemburgo.*

Surgem no écran as batalhas. A de Charleroi, a do Yser, as ofensivas d'Artois, da Champagne, as batalhas do Marne, os dias tragicos do Somme, os morticinios de Ypres e de Verdun, a defesa sobrehumana do bosque de Haumont, dos fortes de Vaux e de Dauaumont, da cota 304; o 9 de Abril, as campanhas dos Dardanelos, do Isonzo, da Prussia Oriental, do Egito, da Africa. Passam ante os nossos olhos a ocupação marcial de Bruxelas, a catedral de Reims ardendo como um cirio gigantesco, os livros da Universidade de Lovaina em cinzas; depois os bombardeamentos navais de Scarborough, Whitby e Hartlepool, os bombardeamentos aereos de Paris e Londres, o torpedeamento do Lusitania, *o engarrafamento de Zeebruge, o fuzilametno do traidor Casement, o fusilamento de Mata Hari, os serviços secretos de espionagem com seus* trucs, *as revoltas, o assassinio de Jaurés. Passam ainda as grandes batalhas navais, a da Jutlandia ou do Scagerrack, as de Coronel e Falklands, os afundamentos dos Dardanelos, navios enormes indo*

(Vêr continuação na pagina seguinte)

POLITICA E LITERATURA

Azaña

no ostracismo

comenta D. Quichote

Pode-se discordar da acção politica do antigo chefe do Governo espanhol, sr. Manuel Azaña; mas, ninguem negará o seu valor como parlamentar e escritor. O antigo aluno da famosa universidade de Alcalá Henares—onde estudou tambem« el principe del ingénio», Miguel de Cervantes Saavedra—marca na moderna geração espanhola um posto literario inconfundivel. A atestá-lo: um volume com alguns dos seus melhores discursos parlamentares-lapidares de concepção e forma—uma peça teatral de tecnica nova—«La Corona»—e, ultimamente, «La invencion del Quijote y otros ensaios», motivo de justos elogios por parte da critica literaria do seu país.

Podem os adversarios de Miguel Azaña censurar o seu perfil de castelhano duro e frio—talhado á semelhança dos antigos inquisidores, miragem da terra seca e árida de Castéla—mas, nenhum deles poderá opôr reparos á inteligencia do ensaista que domina com o seu saber o cenáculo do Ateneu de Madrid, vencendo com o seu espirito novo o secular D. Miguel de Unamuno e o milenario Ramon del Valle-Inclan.

Vinte anos depois

(Continuação da pagina anterior)

ao fundo em segundos, alguns milhares de homens passando da vida para a morte sem tempo de pensar ou de sentir; os navios fantasmas, os navios de caça disfarçados em pesqueiros inocentes, dreadnoughts, submarinos, gases, fogo liquido, morteiros, canhões de 420 que vomitam a morte a mais de uma centena de quilometros, coisas enormes, monstruosas, nunca vistas.

Depois a revolução alemã e Guilherme a caminho do exito; a revolução russa e Nicolau a caminho do massacre, a Alsacia-Lorena para a França, a Polonia, um mundo novo. O mapa da Europa refez-se, decompôs-se, recompôs-se. A esquadra alemã internada em Scapa Flow afunda-se pelas mãos dos seus amantissimos guardadores. O Tratado de Versailles assina-se em 28 de junho de 1919 e a 14 de julho, concluida definitivamente a paz, desfilam as tropas por sob o Arco do Triunfo. Que saiu daí, de tudo isto? Do mar cheio de navios esburacados, da terra cheia de morte e de espanto, do ceu de roncos e de chamas? Nada. O sol aparece e vai, as arvores continuam a dar frutos, os ventres a dar filhos, as searas a dar pão. A fome, o frio, a miseria não foram afugentadas, continuam instaladas na vida e nas almas. E para que se não esqueça, o homem foi aos grandes armazens da Morte e tirou um heroi ignorado. Colocou-o debaixo do Arco do Triunfo e no Mosteiro da Batalha. E ele lá dormirá até que de novo o ronco do canhão o venha acordar. A avalanche derretida formar-se-á de novo. Primeiro será gota de agua, depois punho, depois ventre, depois bloco, depois enormidade. E virá de novo a Morte ao chamado dos homens impacientes e febris, que não têm a paciencia altiva de a esperar.

(Prefacio inédito de «Avalanche», livro da guerra, de Albino Forjaz de Sampaio, cuja 2.ª edição é posta á venda na proxima semana).

SE LHE DÓI
A GARGANTA
aplique sôbre o pescoço uma pasta de
THERMOGENE
Algodão revulsivo e resolutivo, que produzindo calor, descongestiona os orgãos inflamados
Vende-se em todas as farmácias.

Automoveis sem chauffeur
Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

PANORAMA LITERARIO PORTUGUÊS

ALVES DE AZEVEDO

entende

que a critica não se ocupa, devidamente, das obras de caracter colonial

Alves de Azevedo é um caso novo nas letras portuguesas. Tenta estabelecer uma doutrina critica, apoiando-se na sua cultura, que é já vasta, e no seu poder analitico, que é singularmente penetrante. Muito lido nos escritores ingleses, a sua educação intelectual ressente-se disso, com todos os defeitos e virtudes peculiares a essa literatura, nem sempre adaptavel ao nosso meio. Como ensaista deu já as suas provas. Dois volumes marcam a sua cota geometrica mental: Figuras contemporaneas, *apontadas em traços incisivos, mas sem crueldade, e* Problemas do seculo XX, *larga exploração visual dos acontecimentos esteticos e literarios do nosso tempo, com referencias que demonstram uma cultura servida por um claro pensamento.*

Alves de Azevedo não nos deu, porém, ainda a medida exacta do seu valor. O individuo literario está ainda em formação embora fecundo de promessas. Nas horas vagas da critica faz romances.

O seu Caso Singular, *curioso, excentrico, tem o valor dum documentario. Alves de Azevedo procurou fugir ás regras consagradas do romance esquecendo-se, porem, de criar, ou, pelo menos, de apontar outras.*

No entanto, algumas das personagens do Caso Singular *são magnificas como «corte» psicologico. O seu depoimento, apesar de restrito, é interessante porque marca uma tendencia: a literatura colonial, que só recentemente conquistou direitos de cidade. Alves de Azevedo peca, talvez, por um demasiado exclusivismo. Julgamos que essa modalidade literaria não pode constituir o alvo intelectual dos homens que escrevem muito embora tenha o lugar honroso que merece.*

Não tomemos a parte pelo todo unico. Deixemos a cada um o direito de criar, em plena liberdade conceptiva, a sua obra, no embate das escolas, dos processos e dos temas.

De resto foi sempre assim.

—Quais as caracteristicas da actual literatura portuguesa?

—A pregunta supõe a existencia dum facto de que duvidamos. Haverá realmente em Portugal uma literatura? Parece-nos que não. Cuidamos serem meras expressões de imperiosa necessidade de comunicação os poucos escritores verdadeiramente dignos deste nome que ainda podemos encontrar entre nós.

—E' assim tão pessimista?

—Um aspecto entretanto de actividade literaria em Portugal merece a nossa particular atenção por ser iniludivelmente revelador dum renascimento português que já expulsou vitoriosamente a torpida formula da «apagada e vil tristeza» de vergonhosa memoria: essa obra de puro e generoso nacionalismo que os escritotores coloniais como Henrique Galvão, Carlos Selvagem e outros andam empenhados em realizar.

«Em verdade não nos parece que a critica em Portugal quasi sempre demolidora se ocupe devidamente das obras de caracter colonial indiscutivelmente meritorias pois além de pretenderem informar-nos de tudo quanto diz respeito á vida do imperio tentam tambem criar uma mistica que nesta hora de construção nacional em que todos os portugueses de boa vontade andam empenhados, deve obrigar-nos a mudar os nossos rumos literarios para que o imperio possa ser um facto.

—Mas como?

—A propaganda colonial pelo livro que tão mal orientada tem sido entre nós, chegando por vezes a resultar nefasta, precisa que os escritores coloniais imponham cada vez mais a sua opinião que se recomenda

ALVES DE AZEVEDO

pela generosidade dos seus ideais e pela força das realizações reveladas de que o nosso ultramar é um vastissimo panorama.

«Depois de conquistarmos as colonias precisamos de conquistar Portugal. E afigura-se-nos que é tarefa mais facil do que nos parece. Basta que todos os escritores com responsabilidades intelectuais se coloquem absolutamente na vanguarda.

«Nós proprios depois da publicação do nosso livro «Problemas do Seculo XX» sentindo que a força criadora dum são nacionalismo era indispensavel á construção do imperio, não hesitamos em tomar aquela posição certos de que só dessa maneira poderiamos ser uteis á colectividade.

«E' lamentavel, porem, que os escritores coloniais não sejam ainda considerados entre nós como merecem.

«Se nas coisas literarias o snobismo e a moda não fossem epidemicos em Portugal, se o nosso escol os, escritores mais representativos, por exemplo, não consagrassem á França o interesse tão sabido nada justificava o constante aparecimento de livros feitos por receita gaulesa, que de nenhum modo pode ser usado entre nós. Essas pastiches invertebradas são absolutamente inuteis e feitas do lixo que se deposita no espirito de certos constantes leitores da obra de Marcel Proust.

«Para esses escritores esclarecidos não existe o imperio, e os varios coloniais de envergadura que a civilização ocidental revelou—mormente em Inglaterra e no Imperio Britanico tureiros vulgares. A voga de Kipling em Inglaterra e no imperio Britanico é porventura impossivel em Portugal para um escritor português? Seria evidentemente um pouco exagerado dizer que ha entre nós desprezo ou sequer perseguição contra os livros ou os autores que tentam mostrar a vida tão patetica e tão estetica das nossas colonias sobre os tropicos ou sobre o equador.

—Acha que ha valores?

—Decerto, mas dispersos; e sobretudo penso que em Portugal com rarissimas excepções a todos os escritores faltam qualidades que se encontram noutros. Se têm imaginação, não têm forma, se são criticos escrevem com canivete. Numa palavra, seria necessario fazer em Portugal o *trust* dos cerebros» para se conseguir arranjar três ou quatro escritores completos. A origem disto: uma lamentavel falta de inteligencia critica, que de mais, alastra por toda a nossa literatura.

—Quais as formas literarias que lhe parecem mais ricamente representadas?

—Sem duvida, a poesia. Vivemos num país desesperadoramente lirico. Entretanto, muitos dos poetas portugueses são-no, apenas, porque os amigos os convenceram disso. Davam muito melhor noutra forma literaria. Tambem é frequente o contrario.

«A prosa acha-se entretanto muito bem representada e afigura-se-nos que se não fôra a preocupação de fazer «bonito» em vez de humano—tremenda consequencia do possidonismo intelectual da maioria dos nossos escritores, poderiamos citar muitos valores interessantes.

—Ha de facto ambiente que favoreça o fenomeno literario?

—Parece-nos que não. As dificuldades materiais são invenciveis. Se os romancistas—e mesmo assim é preciso que o sejam de certa maneira—ainda encontram um editor, os ensaistas e os poetas têm de se editar á sua custa ou então de viver orgulhosamente sobre meia duzia de artigos publicados «de graça» aqui e acolá. O analfabetismo é uma triste barreira impenetravel ao melhor estilo.

—Lê-se mais?

—E' uma lastima dizê-lo, mas é verdade. Menos, cada vez menos. E o mais grave é, que é justamente quem mais obrigação tem de o fazer que o evita por forma sistematica. Medicos, advogados, engenheiros, etc., são em Portugal frequentemente duma incultura literaria aflitiva.

FERREIRA DE CASTRO
ETERNIDADE
Acaba de sair nova edição
deste magistral romance
7.º—8.º—9.º
MILHARES
Um livro que revela cada um a si proprio
ETERNIDADE
cuja acção tem por fundo a maravilhosa paisagem da Madeira, é um
ROMANCE INESQUECIVEL
1 grosso volume brochado 12$00—Encad.º 15$00
Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
Livraria Editora GUIMARÃES & C.ª— R. do Mundo — LISBOA

O CAFÉ-«CHIC» serve optimos bifes e explendido café á chavena.

PANORAMA INTERNACIONAL

"A Hora de Hitler„

Quando apareceu o primeiro volume desta obra, intitulado «De Weimar ao cáos» foi grande o espanto em muitos paises da Europa.

O sub-titulo elucidativo «Memorias dum general da Reichswher» intrigou muita gente que procurava conhecer a personalidade verdadeira do autor de tão preciosas payinas.

Efectivamente deve ser dificil conceber a existencia dum documento mais precioso sobre a actividade hitleriana e sobre as manobras subterraneas que facilitaram a chegada do chefe nazi ao poder.

As intrigas tecidas á volta do velho marechal Hindenburgo, a actividade erradamente dirigida de von Papen, os segredos misteriosos dos grandes agricultores da Prussia Oriental e a intervenção desajeitada do Club dos Senhores constituem outros tantos capitulos desta novela apaixonante. Ela divulga ainda os verdadeiros propositos do exercito alemão, essa Reichswher armada até aos dentes e preparada para todas as eventualidades, que se propõe ainda hoje dizer a ultima palavra que deve epilogar a tragedia germanica do «post-guerra».

O autor da «Hora de Hitler» deve ter conhecido, na intimidade, todos os aristocratas, os politicos, os generais e os chefes socialistas que sucessivamente ocuparam o primeiro plano no drama que se iniciou com a assinatura do Tratado de Versailles.

As suas opiniões aparecem sempre fundamentadas em documentos ou acontecimentos que, em certa altura, impressionaram a opinião publica de todo o mundo. Mas a descrição das personagens principais que provocaram o exito do nacional-socialismo, Goering, Goebbels, Rohem, aparece nas paginas deste livro, sensacional, como um pedaço de verdade que nada conseguirá deminuir ou fazer desaparecer.

A chegada de Hitler ao poder constituiu um motivo justificado de admiração para muitos dos seus mais dedicados correligionarios e intimos amigos. Como se operou esse milagre conta-o, de maneira sugestiva, o autor da «Hora de Hitler», general da Reichswher e conhecedor dos seus compatriotas.

"Discurso aos franceses„

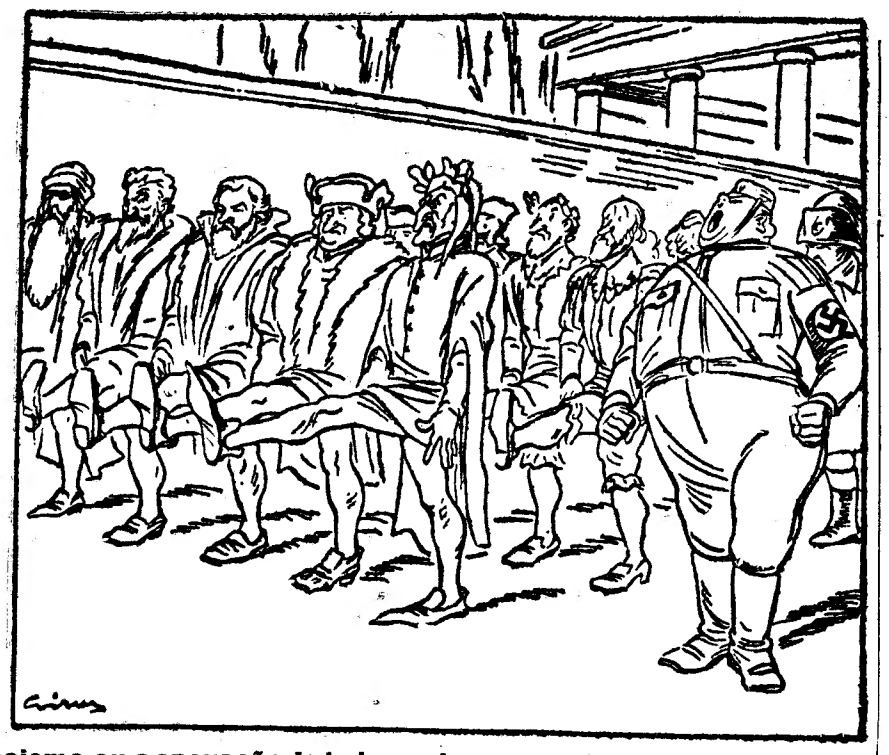
Este «Discurso aos franceses» que Emmanuel Berl compôs para honrar e elucidar os seus compatriotas apresenta pontos de vista bem originais. O director da «Marianne» consagrara-se ha muito como um observador lucido e penetrante das coisas e dos homens da sua terra. A paixão nunca lhe perturbou a visão clara das debilidades e dos êrros que, nas camadas dirigentes como entre os dirigidos, se têm cometido na dôce terra de França.

O livro que acaba de editar serve apenas para confirmar estes creditos, ganhos brilhantemente. Emmanuel Berl não poupa os seus compatriotas a censuras; mas não deixa tambem de os louvar sempre que isso se lhe afigura justo e legitimo. De dois males sofre, em seu entender, a patria que muito estremece.

Em primeiro lugar a França não soube dar um lugar suficientemente largo aos novos que desejam conquistar posições de comando. Por falta de inteligencia ou de tacto? Apenas porque os velhos duraram muito mais tempo do que seria legitimo esperar da sua capacidade de resistencia. Os exemplos citados pelo autor do livro são concludentes: Clemenceau, Poincaré, Doumergue, salvadores todos septuagenarios. Que dizer então do Senado cuja actividade condiciona a propria vida das instituições? Não escasseiam entre os habitantes do Luxemburgo reliquias veneraveis que passaram ha muito a casa dos oitenta. Mas o que se passa na politica, passa-se igualmente nas letras e no teatro. Citar o sr. Bienvenu Martin, sem fazer referencias ao octogenario sr. Paul Bourget ou ás irreconheciveis Cécile Sorel e Mistinguett seria deixar truncado o enunciado dum principio cuja legitimidade ninguem contestará.

Segundo mal da França dos nossos dias, segundo Emmanuel Berl: a ansia de justificação que anima todos os franceses que parecerem querer desculpar-se permanentemente das vitorias que ganharam ou das riquezas que acumularam.

Isso transforma-os em culpados de delitos que não cometeram. E constitui o mais forte argumento que os seus adversarios podem invocar para crescer numa ofensiva que chegou ao seu ponto critico.



Racismo ou a anexação de todos os homens notaveis pela Alemanha (Na primeira fila: Dante e Cristovão Colombo)

(Do "Guerin Meschino„)

O renascimento da novela

Paul Morand deixa, com a habilidade que facilmente se avalia, uma colecção subordinada a este titulo. «As edições da N. R. F.» são caracteristicamente elegantes. De mistura com alguns consagrados que andam esquecidos, Morand vai revelando algumas aptidões literarias de primeira ordem, e dando um premio merecido a outros escritores que, de outra maneira, teriam alguma dificuldade em se verem editados. Assim encontramos, numa confusão simpatica e aliciante, os nomes de Poe, Tomguenieff, Joseph Conrad e Ivan Bonine, misturados com os de Jean Cassou, Francis de Miomandre, Guy de Tourtalés e Edmund Jaloux, e ainda com os de Charles Braibout e Irene Nemirowsky. Precisamente estes viam divulgados originais sem que o publico acolhesse com significativa simpatia e decidido aplauso. «Fitas faladas» de Irene Nemirowsky conseguiu uma verdadeira consagração, com entrevistas nos jornais e todo o cortejo de ocupações que costuma acompanhar o triunfo nas competições literarias.

O livrinho de Charles Braibout, dezassete contos em duzentas e sessenta paginas, pode bem considerar-se uma revelação. Sobretudo a primeira novela, que dá o titulo ao livro e que o autor dedica a Duhamel, é uma obra prima no seu genero. «Resplendine e outras vitimas» assim se chama a obra despretenciosa e encantadora que Charles Braibout compôs, sem outras preocupações que não fossem as de relatar, em linguagem de tocante simplicidade uma duzia e meia de episodios que feriam a sua sensibilidade. «Resplendine» evoca um periodo distante da historia com a mesma saborosa frescura que o autor empresta ao relato vivido dalgumas cenas do seu e do nosso tempo. Mas é talvez na reconstituição de pequenos episodios, ocorridos ha centenas de anos, que Braibout revela todo o seu poder de novelista, toda a sua excepcional aptidão para animar o passsado.

Sob o signo de Descartes

Pelo que dizem os jornais franceses, a Exposição que se realizará em Paris no ano de 1937 será consagrada á glorificação da Ciencia. Filosofos e sabios, presididos pelo grande Paul Valery, trabalham nesse sentido com entusiasmo e escrupulo.

Haverá nos subterraneos do vasto edificio do Trocadero o «Palacio da Descoberta» e o director do Museu de Etnografia, o sr. Rivet, apresentará, em imagens, quadros e graficos sugestivos, a historia da evolução do Homem. A tal respeito escreve o «Temps» que a Exposição fica assim sob o signo de Descartes. Não ha como a França para instalar inteligencia pura nos trabalhos que mais parecem dependerem apenas do gosto decorativo e do culto da organização prática.

Bailados russos

As memorias de Strawinski estão sendo publicadas em varias revistas, capitulo a capitulo. E' uma época de entusiasmo exaltado pela arte da Dansa que revive nas «evocações do famoso atleta», homem de apurado gosto e, em suma, desinteressado na sua paixão absorvente. Na «Revue Musicale», na «Revista del Ocidente», Strawinski diz-nos as dificuldades inumeras, os obstaculos quasi insuperaveis, que dia a dia tinha de vencer para apresentar os bailados fascinantes de que Lisboa admirou alguns, aqui trazidos por Diaghilew.

Paginas de estranho encanto, com um penetrante sabor do ante-guerra, quando a Europa inteira não tinha ainda esquecido o agradavel dever de aplaudir a Beleza...

Hoje, os «Bailados Russos» são uma recordação, embora sempre irradiante de raça elegancia sem par.

A Austria tutelada pela Italia e pela Ingtaterra

(Do "Simplicissimus„)

Estão novamente suspensas as remessas e satisfações de pedidos, do ilvro

LISBOA SEM CAMISA

de Armando Ferreira
A reimprimir, e dentro de 10 dias á venda
o 5.º e 6.º milhar

Hitler, como as divindades budistas, dispõe de multiplos braços: **á direita** *— 1.º braço, o emblema nazi; 2.º braço, a chancelaria; 3.º braço, a tesouraria;* **á esquerda** *— 1.º braço, a presidencia do Reich; 2.º braço, a Constituição, e 3.º, o exercito*

(Caricatura chinesa)